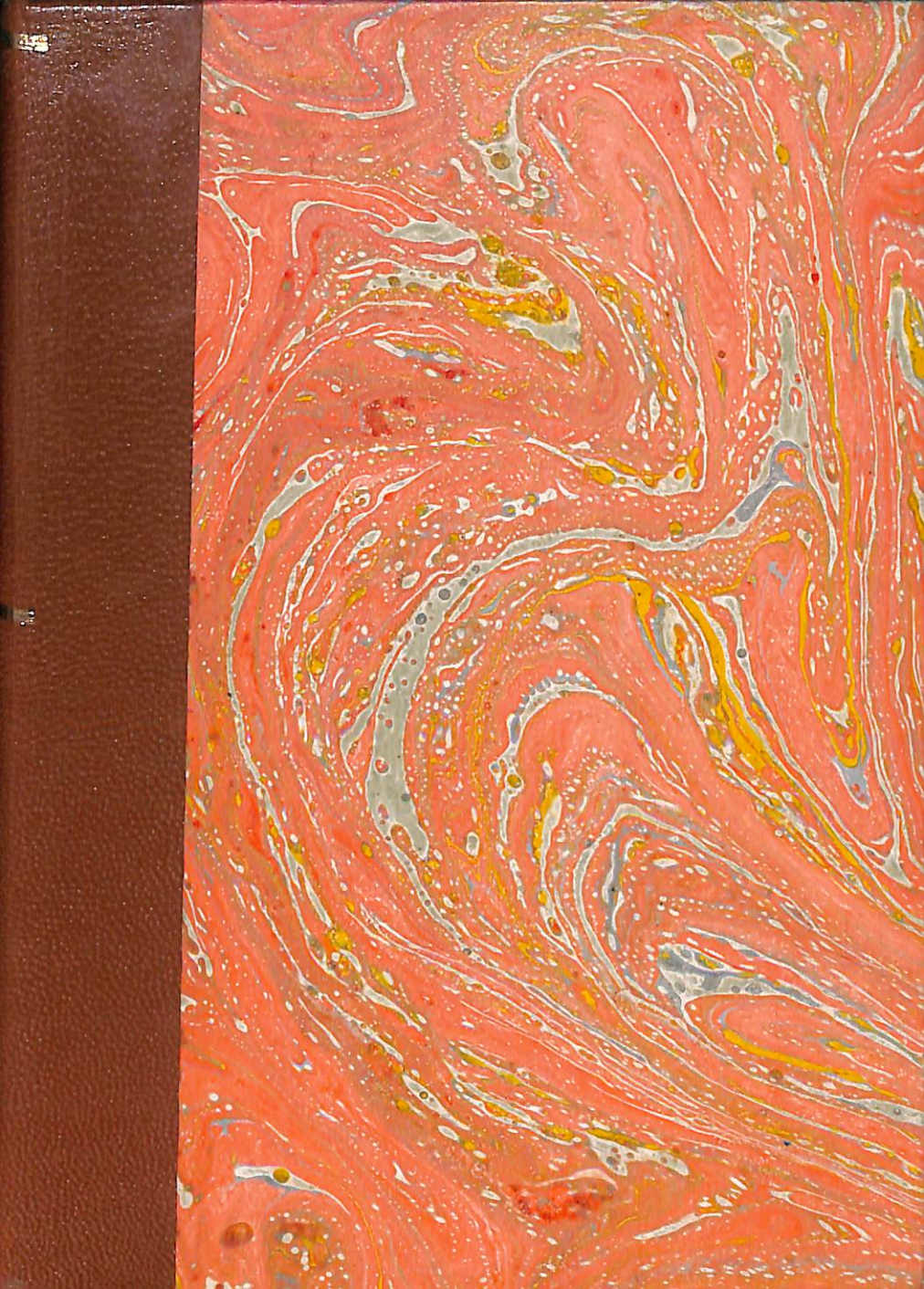


WOLTERS. S. J. CO. LONDON

VALLEY VIEW MACON, GA

1884



Valentim Magalhães

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

DOCTORES

COMEDIA EM 3 ACTOS

*Representada pela primeira vez pelo distincto
corpo scenico do Club da Gávea
em 18 de Outubro de 1898*

NO

THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

POR INICIATIVA DO

Centro Artístico

RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne—Rua do Ouvidor n. 82

1898

DOUTORES

—
COMEDIA EM 3 ACTOS

DE

Valentim Magalhães

OBRA THEATRAES

DE

Valentim Magalhães

PUBLICADAS

* *O Gran-Galeoto*, traducção em verso do drama de D. José Echegaray *El Gran-Galeoto*, 1884. Esgotada a primeira edição, foi feita segunda pelos Srs. Laemmert & C. em 1896. (Em collaboração com Filinto de Almeida).

Ignacia do Couto, parodia em verso á tragedia Ignez de Castro. Editores Laemmert & C. 1889.

(Em collaboração com Alfredo de Souza).

* *Doutores*, comedia em 3 actos, 1898

INÉDITAS

* *O que não se pode dizer* e * *No seio da morte*, dramas de D. José Echegaray, traduzidos, aquelle em prosa e este em verso. (Em collaboração com Filinto de Almeida).

* *A Mulher-Homem*, revista dos acontecimentos de 1885 e * *Abolindem-répcotchimdegó*, revista dos acontecimentos de 1886. (Em collaboração ambas com Filinto de Almeida).

* *O Grude*, revista dos acontecimentos de 1890. (Em collaboração com Henrique de Magalhães.)

* *O Conselheiro*, comedia-vaudeville; musica de Nicolino Milano.

* *O doutor Rameau*, drama, extrahido do romance de G. Ohnet. (Em collaboração com Henrique de Magalhães).

A mosca azul, peça fantastica em 3 actos; musica de Abdon Milanez. (Em collaboração com Henrique de Magalhães).

O tal senhor, comedia em um acto, imitada do francez.

* *Amostra de sogra*, comedia em um acto. (Em collaboração com Filinto de Almeida).

N. B. As peças que tem o signal * já foram representadas em diversos theatros.

Valentim Magalhães

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

DOUTORES

COMEDIA EM 3 ACTOS

*Representada pela primeira vez pelo distincto
côrpo scenico do Club da Gávea
em 18 de Oitubro de 1898*

NO

THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

POR INICIATIVA DO

Centro Artistico

RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne—Rua do Ouvidor n. 82

1898

AO PROVECTO AMADOR

Rodolpho Croner

e

aos seus dignos companheiros

DO

Club da Gavea,

*que com tanto brilho crearam os papeis
desta despretenciosa composição
theatral,*

O. D. C.

reconhecidamente,

O AUTOR.

PERSONAGENS

Homens:

Commendador Santos Barroso, 55 annos	Sr. João Costa.
Dr. Octavio Barroso, medico, 23 annos	Sr. M. Horta.
Dr. Paulo Barroso, bacharel em Direito, 21 annos.....	Sr. Estevao Ferrão Junior
Valerio Malta, 50 annos.....	Sr. Pinto de Abreu.
Gustavinho, 15 annos.....	Sr. V. Magalhães, filho.
Julio Santos, typographo, 25 annos	Sr. Gualter de Freitas.
Dr. Fortunato Guedes, medico, 60 annos	Sr. T. Macedo.
Dr. Eduardo Guedes, medico, 34 34 annos.....	Sr. Castro Cidade.
Dr. Annibal Franco, bacharel em Direito,	Sr. J. Macedo.
Capistrano, criado de Bar- roso	Sr. M. Horta.
Roberto Vieira, jornalista, 30 an- nos	Sr. H. Lima.
Um constituinte.....	Sr. N. N.
Um doente.....	Sr. N. N.

Damas :

D. Engracia Barroso, 50 annos...	D. Irene Costa.
Adelia, 17 annos	D. Eurydice Oliveira.
Adriana Malta, 20 annos.....	D. Ernestina Meirelles.

A acção passa-se na Capital Federal.

Epocha—Actualidade

ACTO PRIMEIRO

Sala de visitas em casa do Commendador Barroso.
A' D. duas portas communicando para o interior da casa. A' E. duas janellas. Porta da rua ao F. O piano á E. no vão das janellas. A' D. baixa uma mesa redonda coberta de albuns e revistas ; cadeiras em volta. A' E. baixa um canapé.

SCENA PRIMEIRA

ADELIA E ADRIANA

(Adelia, ao piano, toca um trecho de musica lenta e fraca, enquanto Adriana, sentada junto á mesa, folheia um album de escriptos. O dialogo é mantido sem interrupção desses actos.)

ADRIANA. — Olá ! que descoberta !

ADELIA. — Que é ?

ADRIANA. — Este sujeito tambem anda por aqui ?...

ADELIA. — Quem ?

ADRIANA. — O Annibal Franco.

ADELIA. — Certamente. Não ha album de moça em que elle não escreva versos.

ADRIANA. — E sempre os mesmos !

ADELIA. — Como sabes ?

ADRIANA. — Porque os escreveu no meu album e no da Nenen Tavares.

ADELIA. — Tem graça ! E' um systema muito economico.

ADRIANA, lendo com emphase.

« Pedis-me versos pallida senhora... »

ADELIA.—Eu não lhe pedi nada : elle é que se offereceu para escrevel-os.

ADRIANA.—E a mim tambem. *Continuando a lêr :*

« Que versos posso vos deixar aqui ?
« Sou como a estrella ao despontar da aurora ;
« Mas obedeço, encantadora houri. »

(*Rindo*) Oh ! que idiota !

ADELIA, *deixando o piano.*—E como é vaidoso !... Está convencido de que todas as moças morrem de amores por elle.

ADRIANA, *erguendo-se e fechando o album.*
—Creio que a meu respeito já perdeu essa illusão.

ADELIA.—Como assim ?

ADRIANA.—Porque já lhe disse nas bochechas, com a minha franqueza habitual, que os seus galanteios me aborreciam.

ADELIA.—Fizeste bem. (*indo a uma janella.*) Não achas que teu pai e o meu estão se demorando com o Paulo ?

ADRIANA.—Parece-me que sim ; já tinham tempo de estar aqui.

ADELIA.—Talvez o trem de S. Paulo se tenha atrasado.

ADRIANA.—Não é o trem que se atraza, os nossos corações é que se adiantam. (*pequena pausa.*) Confesso que estou anciosa por ver o Dr. Paulo.

ADELIA.—Ah ! ah ! o doutor Paulo... Que solemnidade ! Porque já lhe não chamas, como dantes, Paulo, simplesmente ? Não fomos porventura creados quasi juntos, eu, tu, o Paulo e o Octavio ?

ADRIANA.—E' verdade ; mas hoje somos umas senhoras e elles uns grandes senhores :— um medico, advogado o outro ! Além d'isso, ha dois annos que não vejo o teu irmão Paulo. Nas suas penultimas ferias partia eu com papae para os Estados-Unidos, exactamente na vespera da chegada d'elle de S. Paulo.

ADELIA, *pegando na mão de Adriana com intenção e meiguice.*—Confessa, minha Adriana, que não é sem uma forte emoção que vaes novamente vel-o.

ADRIANA.—Confesso : para que negar ? Tenho-lhe, desde criança, uma affeição serena e profunda, que não sei como deva chamar-se.

ADELIA.—Deve ser amor.

ADRIANA.—Chamemos-lhe antes amizade. E' mais seguro.

ADELIA.—O engraçado é que tu amas o Paulo, e é, no emtanto, o Octavio quem te ama a ti.

ADRIANA.—Ora qual ! Octavio é um leviano. Mas como podes tu affirmar que Paulo me não ama ?

ADELIA, *rindo.*—Mas eu não affirmei isso. Vaes te sangrando em saude.

ENGRACIA, *no bastidor.*—Linóca ! ó Linóca

ADELIA.—Que é, mamãe ?

ENGRACIA.—Já chegou alguém ?

ADELIA.—Ainda não, senhora.

SCENA II

ADELIA, ADRIANA, ENGRACIA

(*Engracia vem de avental e batendo claras de ovos numa tigella.*)

ENGRACIA.—Ah ! bem ; então, posso entrar (*entra.*) Como está escuro ! (*Para Adelia.*) O' menina, como não mandaste accender o gaz ?

ADELIA.—Por esquecimento ; estavam conversando.

ENGRACIA, indo até á porta por onde entrava e gritando.—Capistrano, o Capis... Nem me lembrava que elle tinha ido á estação para trazer a bagagem do Paulo.

ADRIANA.—Deixe, D. Engracia, eu accendo.

ENGRACIA.—Qual ! não senhora !... Chama a Anna Rosa.

ADRIANA.— Não custa nada.

ENGRACIA.— Neste caso, muito obrigada; aqui tem os phosphoros. (*Entrega uma caixa d'elles a Adriana, que sobe a uma cadeira e accende as araudelas.*) Tambem a nossa gente não pode tardar. O peor é que o jantar ainda está muito atrasado. Se sou eu só com a Anna Rosa para tudo !... O peralta do Capistrano não faz outra cousa senão cantar a *Gran Via*, assim :

Caballero de gracia me llaman...

(*Com o movimento entorna-se um pouco das claras de ovos.*) Lá entornei eu os ovos ! Valha-me Deus !... (*Ajoelha-se e com a ponta do avental limpa o chão.*) Se eu não sei onde tenho hoje a cabeça !...

ADRIANA.— E tem razão para isso. A alegria tambem enlouquece. A senhora deve sentir-se muito feliz por ver realizados quasi todos os seus sonhos.

ENGRACIA, batendo os ovos.— E' verdade ; tenho o meu Octavio formado em Medicina e

o meu Paulo em Direito. Ambos os filhos doutores ! Que honra !... O Barroso, esse, então, ainda está mais inchado ! Hoje é dia d'elle apanhar uns choviscos, como no dia da formatura do Octavinho. Lembra-se, D. Adriana ?

ADRIANA.— Qual choviscos ? Se houve embriaguez foi só de alegria !

ANNA ROSA, do bastidor.— Minh'ama ! O' minh'ama ?

ENGRACIA.— Lá está a Anna Rosa me chamando. (*Vae até á porta que dá para a sala de jantar e grita*) Que é lá, creatura ?

ANNA, (*idem. Sotaque portuguez.*)— Faça-me Vmc. o favor de vir dar-me os pinhões.

ENGRACIA.— O que ? os pinhões ?

ANNA.— Sim, minha senhora, os pinhões para o filet.

ENGRACIA, rindo. Ah ! os *champignons*. (*Para dentro, a Anna Rosa.*) Já lá vou. (*Descendo. A' Adelia*) Era bom que fosses dar uma vista d'olhos ao quarto do Paulo ; talvez falte alguma cousa.

ADELIA.— Com todo o gosto, mamãe ; mas quem ha de receber as visitas que forem chegando ?

ENGRACIA.— Tens razão : irei eu mesma, logo mais.

ADRIANA, a Engracia.— Se me permite, D. Engracia, eu irei até lá.

ENGRACIA.— Era favor, D. Adriana. Ponha-me bem chique o quarto do meu rapaz ; a senhora tem dedo para essas cousas.

ADELIA, rindo. E então para quem é...

ADRIANA, pondo-lhe a mão na bocca.— Cala-te, linguarudinha ! (*A Engracia*) Vamos.

ENGRACIA, a Adelia. — Tu, fica para receber quem vier; mas, logo que elles chegarem, chama. Ouviste?

ADELIA. — Sim, mamãe. (*Saem Engracia e Adriana.*)

— SCENA III

ADELIA (só)

(*Olhando em torno.*) Aqui, parece-me que está tudo bem. Os ramos ficaram bons. (*Ageit-os; vae de um movel a outro, arranjando-os*) Estou contente, mas receiosa. Elle vem hoje aqui em casa pela primeira vez. Vae ser apresentado a papae e a mamãe. Gostarão d'elle? Receio bem que não; é tão modesto, tão pobre, tão simples! Prevejo que se hão de oppor ao nosso casamento. Papae não ha de querer ter por genro um typographo, um artista.... (*Suspirando*) Será o que Deus quizer.

SCENA IV

ADELIA e Dr. FORTUNATO

FORTUNATO. — Ora esteja Deus nesta casa!

ADELIA. — Oh! o Dr. Fortunato! Como fez bem em ter vindo!

FORTUNATO. — Cá estou eu, rente como pão quente!

ADELIA. — Não podia faltar. Hoje é um grande dia nesta casa.

FORTUNATO. — E' verdade: um grande dia! O dia em que o meu querido amigo Barroso festeja a formatura do segundo filho! Participo da sua alegria.

ADELIA. — Nós lhe retribuimos a amizade com que nos honra, doutor. Sente-se, queira sentar-se. (*Sentam-se aos lados da mesa.*)

FORTUNATO. — Mas, então, onde está toda essa gente?

ADELIA. — Papae, o Sr. Valerio e Octavio foram esperar á estação o mano Paulo, e ainda não voltaram.

FORTUNATO. — Pois o trem já deve ter chegado.

ADELIA. — Talvez tenha vindo com atraso.

FORTUNATO. — Eu inagino e calculo bem a alegria que vae hoje por aqui, porque tambem já passei por isso, quando se formou em Medicina o meu Eduardo... bem contra a minha vontade, por signal.

ADELIA. — Por que?

FORTUNATO. — Porque eu desejava que elle fosse engenheiro ou mesmo bacharel em direito. Mas o rapaz mostrou tal predilecção pela Medicina que o formei em Medicina... para ser, afinal, amanuense de secretaria! Mas não faz mal: é doutor.

ADELIA. — Sempre é um homem que tem pergaminho.

FORTUNATO. — Eu acho, afinal de contas, que elle fez muito bem em ter deixado a clinica. A vida do clinico é a peor do mundo! E' um inferno!... (*Com um sobresalto, recordando-se repentinamente.*) Homem, e por fallar nisso; agora me lembra que não fui ver um

doente gravissimo na rua Miguel de Frias (*ergue-se*). Corro a vel-o. Que inferno! Não tenho um momento de meu. Diabos levem semelhante profissão! Eu já volto. (*Toma o chapéo e sac precipitadamente.*)

SCENA V

ADELIA e, pouco depois, CAPISTRANO

ADELIA.—Pobre Dr. Fortunato! Anda sempre numa roda vida! Eu não gostaria de casar com medico. Estão sempre na rua, a correr de um lado para o outro. Comem ás presas, de chapéo na cabeça e livro na mão. De noite, depois de fechada a porta, *dlin dlrím!* um chamado. E toca a levantar, a vestir, e lá vão elles. Muitas vezes só voltam no dia seguinte. O pouco tempo que estão em casa levam lendo ou dormindo! E as pobres mulheres que sofram e se resignem! (*Ruido fora*) Que será? Talvez mano Paulo que chega.

CAPISTRANO, (*trazendo malas etc.*) Seu doutor Paulo não tarda ahi. Vim num pulo, na frente, para avisar.

ADELIA.—Vae pôr tudo isto no quarto do Dr. Paulo. (*Reparando num canudo que Capistrano traz entre os outros objectos.*) Épera, dá cá isso.

CAPISTRANO.—O que? O canudo?

ADELIA.—Sim, o canudo.

CAPISTRANO.—Para que serve isto, sinhá dona Linóca? E' oculo de alcance?

ADELIA.—Tem um grande alcance, mas não é oculo.

CAPISTRANO.—Então, o que é, nhá dona?

ADELIA.—Que sujeitinho curioso! E' a carta.

CAPISTRANO.—Uê! Nunca vi guardar carta em canudo!

ADELIA.—Vae-te embora, anda; e avisa mamãe que venha já. (*Capistrano sac, levando malas, etc.*) Estou anciosa por ver o Paulo! Não se pôde demorar.

SCENA VI

ADELIA, ENGRACIA, ADRIANA

ENGRACIA, *dentro*. — Onde está elle? Onde está elle? (*entrando*) Paulo, meu filho!

ADRIANA, *á parte*. — Como me bate o coração!

ADELIA.—Ainda não chegou, mamãe; mas vem ahi já.

ENGRACIA, *desapontada*. Como é, então, que aquelle animalejo do Capistrano me disse que elle estava aqui?

ADELIA.—E' que a senhora ouviu mal, mamãe.

ENGRACIA, (*sentando-se*). — Faltam-me as pernas! Morro de impaciencia!

ADELIA, *indo á porta da rua e batendo as palmas*. — Eil-os ahi! Vem subindo a escada!

ENGRACIA.—Ah! que felicidade!... (*evanta-se.*)

ADRIANA, *á parte*. — Lembrar-se-á elle ainda de mim?

SCENA VII

ADELIA, ENGRACIA, ADRIANA, BARROSO,
PAULO, OCTAVIO E VALERIO

(*Entram Valerio, Barroso, Octavio e Paulo, uns após outros, nesta mesma ordem.*)

VALERIO, *a Engracia*.—Tome lá o meu abraço, comadre. (*Abraça-a*).

BARROSO.—Recebe agora o do teu marido. (*Mesmo jogo*).

ENGRACIA.—Mas o de Paulo é que eu quero.

OCTAVIO.—Pois, antes d'elle, hei de eu tambem abraçal-a! (*Mesmo jogo*).

ENGRACIA.—Obrigada, meu filho. Mas teu irmão não chega? (*Apparece Paulo, vestido de guarda pó, de bolsa de viagem a tiracollo, guarda-chuva, malinha de mão, etc. Vendo-o.*) Oh! finalmente! Paulo, meu querido Paulo! (*Abraça-o com transporte, obrigando-o a deixar cahir as cousas que traz*).

BARROSO.—Oh! mulher, olha que o suffocas! Deixa-o, ao menos, arriar a bagagem. (*Desembaraça Paulo dos objectos que traz.*)

ADELIA.—Então eu, senhor doutor? (*Abre-lhe os braços.*)

PAULO, *abraçando-a e beijando-a*.—Minha irmã! (*Enlaça-a com um dos braços e a Engracia com o outro*). Como sou feliz! Quantas saudades tinha eu de vocês!

VALERIO, *a Adriana*.—Ora ahí está uma scena simples, mas commovente, palavra!

ADELIA, *a Paulo*.—Com a emoção da chegada, não reparaste na presença de uma pes-

soa muito estimada nesta casa. (*Affasta-se, de modo que Paulo veja Adriana.*)

PAULO, *vendo-a e perturbando-se*.—Oh! Adriana! (*Emendando-se.*) D. Adriana. (*adianta-se e estende-lhe a mão.*)

VALERIO.—Então, que cerimoniaes são essas? Ora façam-me o favor de abraçar se. (*Paulo e Adriana abraçam-se com acanhamento*) Isso! Isso!

BARROSO.—Pois de certo! Criaram-se quasi que juntos...

PAULO.—Mas falta me aqui alguém. (*a Engracia*) Onde está mamãe Rosa?

ENGRACIA.—Pois onde ha de estar senão na cosinha?

PAULO.—Quero abraçal-a tambem. (*Adelia conversa com elle em voz baixa.*)

BARROSO, *a Engracia*.—Acho que o Paulo já não deve tratar a Anna Rosa de mamãe... Que diabo! não é mais a criança de dantes; hoje é um doutor!

ENGRACIA, *a Barroso*.—Tens razão: não parece bem, hei de falar-lhe. (*a Paulo*). Vem, meu filho, abraçar a Rosa e arraujar-te para o jantar,

PAULO.—Sim, que estou immundo! Pareço um carvoeiro!

ENGRACIA.—Vaes achar muito chique o teu quarto,

ADELIA, *olhando com um sorriso para Adriana*.—Pudéra! Foi arranjado por uma artista!...

PAULO.—Ah! foi a... senhora quem teve esse incommodo?

ADRIANA.—Diga antes: esse prazer. Mas não fiz mais do que dar os ultimos retoques.

PAULO.—Obrigado. Com licença. (*Saem Paulo e Engracia.*)

OCTAVIO. — Eu levo estas trapalhadas. (*Apanha o sobretudo, a maleta, etc. Dando com o canudo sobre a mesa.*) Lá ia esquecendo o canudo! (*Pega nelle e, apresentando-o com gesto comico, cantarôla com a musica do « Voici le sabre. »*)

Eis o canudo,
O canudo, o canudo
Eis o canudo,
O canudo de meu mano!

(*Os circumstantes riem.*)

BARROSO.—Alto lá! Pouca troça com isso! Esse canudo de folha de Flandres representa muitos contos de réis. (*Toma lh'o. Octavio sae.*)

SCENA VIII

BARROSO, VALERIO, ADRIANA, ADELIA

BARROSO. — E' mais caro do que se fosse todo de ouro e cravejado de pedras finas. (*Des-tampa-o, tira fóra a carta, desenrola-a.*) Cá está o famoso pergaminho! (*A Valerio.*) Veja, compadre. (*Valerio, Adriana e Adelia acercam-se d'elle, examinando a carta.*) E' bonito, hein?

ADELIA. — Que rico medalhão! Que será?

BARROSO. Não sei. O que vejo é que é de prata e ouro. (*Abrindo-o*) Ah! é o sello da Faculdade! Cá estão ao centro a balança e a espada, e, em volta, a inscripção: « Faculdade de Direito de S. Paulo. » (*Fecha o medalhão.*)

ADELIA, reparando. — Mas olhe, tem inscripções na tampa!

BARROSO. — E' verdade; são dedicatorias. (*lendo*) « A meu pae; á minha mãe; a meu irmão; á minha irmã; á minha mãe de criação. (*Virando o medalhão e lendo na outra face*) « Ao meu amigo Valerio Malta e á sua familia; ao meu amigo Julio Silva; aos meus mestres. » Não esqueceu ninguem!

VALERIO. — E' verdade! Bravo rapaz!... Hei de agradecer-lhe esta prova de amizade com um abraço de quebrar costellas!

BARROSO, guardando a carta no canudo e fechando-o. — Sim, é um coração de ouro o meu Paulo! O outro, o Octavio, tambem é um bom rapaz; porém é mais airado, tem menos assento.

VALERIO. — Mas quanto calcula, compadre, ter gasto com a formatura de cada um de seus filhos? (*Adriana e Adelia sobem a scena e sentam-se onde mais convier, conversando em voz baixa.*)

BARROSO. — A conta não é difficil. Eu lhe digo. Quanto ao Paulo, não incluindo os preparatorios, temos: cinco annos de curso, a 200\$000 de mezada: ... cinco vezes dois, dez: e vae um;—cinco vezes um, cinco, e um, seis: 60 mezes. A 200\$000 réis cada mez: 12 contos. Quinhentos de matricula, 12 e quinhentos; um conto e quinhentos para viagens, quatorze contos: dois para livros, 16 contos; dois para despesas extraordinarias, 18 contos; dois para a formatura e despesas finaes: 20 contos.

VALERIO. — Caspitê! Já é uma bonita somma!... E a formatura do Dr. Octavio?

BARROSO. — Essa custou-me menos, porque elle estudou aqui no Rio e sempre morou em nossa casa. Calculo-a em 15 contos.

VALERIO. — Somma total : 35 contos de réis ! Olhe que toda essa dinheirama posta a render em predios ou em apolices, faria, em dez annos, uma fortunsinha !

BARROSO. — Não digo o contrario, mas não ha dinheiro que compense a satisfação e o orgulho de ter dois filhos doutores : um em Medicina e outro em Direito.

VALERIO. — Mas o Paulo não é doutor ; é apenas bacharel.

BARROSO. — E' a mesma cousa, homem ! Não pôde assignar o *d-r*, mas todo o mundo lh'o dá.

VALERIO. — Quer você, compadre, que eu lhe communique uma observação que fiz a respeito dos seus rapazes ? (*Adriana e Adelia descem á frente da scena.*)

BARROSO. — Quero, sim ; diga lá.

VALERIO. — E' que as profissões estão trocadas.

BARROSO. — Como assim ?

VALERIO. — Pois você não vio ainda que o Octavio devia formar-se em Direito e o Paulo em Medicina ? Octavio é que é o bacharel. E' rhetorico, discursador, atirado á Politica, cabeça exaltada, amante de innovações e de paradoxos ; e o Paulo é que é o medico : criterioso, prudente, inimigo da Politica e da Rhetorica !

BARROSO. — Talvez tenha razão, compadre ; mas agora é tarde. O que está feito não está por fazer.

SCENA IX

ADELIA, ADRIANA, BARROSO, VALERIO
e o DR. FORTUNATO

ADELIA, *a Adriana*. — Muito gosta teu pae do Paulo.

ADRIANA. — Faz elle muito bem.

ADELIA. — E tu não lhe ficas atraz.

ADRIANA. — E achas que faço mal ?

ADELIA. — Não, de certo. Tomara eu que vocês se casassem.

ADRIANA. — Vamos até lá dentro. Tua mãe deve precisar de nós.

ADELIA. — Vamos.

FORTUNATO, *no bastidor*. — Dão licença ?

BARROSO. — Queira entrar. E' o Dr. Fortunato. (*Fortunato entra.*)

FORTUNATO. — Ora muito boa noite. (*Trocamos-se cumprimentos.*) Então, onde está o nosso bacharel ?

BARROSO. — Está mudando de roupa no quarto ; mas não pôde tardar.

ADELIA. — Vou avisal-o de que o doutor está aqui. (*Sae com Adriana.*)

SCENA X

VALERIO, BARROSO, DR. FORTUNATO

VALERIO, *a Fortunato*. — Estava eu dizendo aqui ao compadre que o Paulo é que devia ser o medico e o Octavio o bacharel em Direito. Que lhe parece ?

FORTUNATO. — Homem, não é mal pensado. O Octavio é um bello córte de diplomata, de deputado. . até de ministro.

BARROSO.— Porém nada o impede que, sendo medico, venha a ser tudo isso. Pois não ha tantos exemplos, tantos ?

VALERIO.—Certamente que ha ; mas isso é um mal. O medico deve tratar dos seus doentes e só cuidar da Medicina, pois foi para isso que a estudou.

BARROSO.—Ora essa ! Uma cousa não impede a outra.

VALERIO.—Impede, sim senhor. A diplomacia, a politica, a administração publica, exigem um preparo especial que os medicos não podem ter. Além de que, elles, dedicando-se áquellas carreiras, que lhes são extranhas, fazem uma concorrência illicita aos que para ellas se prepararam.

FORTUNATO.—Penso como o Sr. Valerio. Nunca pude ver com bons olhos os meus collegas que, por ambição e vaidade, se atiram a exercer cargos policiaes e administrativos sem nada conhecerem dos codigos nem das leis, e que dedicam o tempo que deviam dar ao estudo da Medicina, ás intrigas e manobras da politicagem de arrabalde.

VALERIO.—Muito bem,

FORTUNATO.—Ainda se elles tivessem a lealdade de fechar os consultorios e abandonar e clinica, comprehendia-se ; mas, não, senhores ; querem metter os dois proveitos num sacco, e o resultado é despacharem para o outro mundo a maioria dos doentes.

BARROSO. Ora, Dr. está exagerando !

FORTUNATO.—Não exagéro, tal ! Olhem, eu nunca fiz nem faço outra cousa senão tratar dos meus doentes ; e juro-lhes que me não sobra tempo... nem para votar ! Vivo para os

meus clientes. E, por falar nisso... *Consultando o relógio... não me ia esquecendo a visita ao Conselheiro Pedregaes ?... (Toma o chapéu e a bengala)*

BARROSO. — Agora, espere mais um pouco : irá depois do jantar.

FORTUNATO.—Nada ! nada ! Vou já. O homem não tem cura ; tem cada caverna nos pulmões onde cabem á vontade o Ali-Babá e os seus quarenta ladrões !... Mas não importa : sempre é mais uma visita ; os tempos estão bicudos ! Eu já volto ; é pertinho. Ainda os apanho á sopa. Até já. *(Sae)*.

SCENA XI

VALERIO, BARROSO, PAULO, OCTAVIO, ADELIA, ADRIANA

BARROSO.— Safa ! Que vida ! A mim é que não me servia. Eu, cá, depois que volto do armazem e me enfiio nas chinellas, acabou-se ! *(Entram Paulo e Adriana e abraça Octavio com Adelia. Devem sentar-se onde melhor convier, ficando Paulo sempre junto de Adriana.)*

VALERIO.—São habitos ! Cada um tem os seus ; o compadre é sedentario, eu sou andejo. Todas as manhãs e todas as tardes, eu e minha filha fazemos um longo passeio em bicycletta.

BARROSO. *(rindo)*.—O compadre não se zanga se eu disser uma cousa, não é ?

VALERIO.—Absolutamente. Diga lá.

BARROSO.—Pois, então, ouça : não sei o que me parece ver um homem de sua idade encarapitado numa geringonça de duas rodas,

a correr por ahí fóra ! E quanto á sua filha, isso, então...

VALERIO. (*sorrindo*).—Então o que? Conclua.

BARROSO. (*depois de um esforço*).—E' muito feio. Todos reparam. Bem sei que no Estrangeiro isto é muito usado; mas cada terra tem seus usos.

ADELIA (*a Octavio*).—Papae tem razão. E' muito feio ver uma moça solteira correndo em velocipede. Parece não sei o que... Não achas?

OCTAVIO.—E' falta de costume...

VALERIO (*a Barroso*).—O compadre, no seu ponto de vista, tem razão; mas eu, cá no meu, também a tenho. Ora escute. O compadre acha feio que um homem de minha idade ou uma moça andem de bicycletta; mas eu não discuto se é bonito ou feio: é util, e é quanto me basta. Montado na minha Cleveland, sou como um passaro no ar ou como um peixe na agua: corro, vôo, engulo as distancias, transporto-me rapidamente aonde quero, sem depender de bonds, de carros, de nada. Além d'essas vantagens praticas, desenvolvo e robusteço os musculos, acalmo os nervos, alargo a capacidade respiratoria e divirto-me, aiada por cima! Ora, ahí está porque ando de bicycletta. Quanto á minha filha, não comprehendo porque não possa fazer o mesmo, uma vez que as vantagens que acabo de apontar, tanto se applicam aos homens como ás mulheres.

BARROSO.—Ora, compadre, com franqueza: é quasi indecente!

ADRIANA. (*vexada*).—Oh!

PAULO (*a Adriana*).—Queira desculpar: papae é um homem de idéas antigas; ha certos modernismos que elle não pode comprehender.

VALERIO.—Valha-me Deus! O meu compadre acha indecente...

BARROSO.—Perdão! Eu disse *quasi* indecente.

VALERIO.—O seu *quasi* foi uma restricção de simples cortezia. Suprimo-o, portanto. O compadre acha indecente que uma menina séria, de boa família, em vez de andar de carro, de bond ou a cavallo, ande montada numa machina de duas rodas, embora só mostre do corpo a cara, as mãos, e as pontas dos pés... calçados. Mas não acha indecente que esta mesma menina mostre os braços, e o collo nas recitas do Lyrico e nos bailes, em que passeia e salta nos braços de varios marmanjos, muitos dos quaes vio alli pela primeira vez. Acha indecente que uma moça corra de bicycletta; mas não acha indecente que ella namore delambidamente nos armarios, nas janellas, nos gabinetes dentarios, nos banhos de mar, etc. Dar aos pedaes de um velocipede, é indecente; mas dar á lingua e dar á perna nos bailaricos não o é!... Ora, sou um seu criado!...

OCTAVIO.—Isso que o Sr. diz é muito bem pensado, não ha duvida; mas ninguem pôde viver em luta com os seus contemporaneos, em opposição ás conveniencias e mesmo aos preconceitos da sociedade em que vive. Tudo é convencional, bem sabe.

VALERIO.—Nem tudo. A Sciencia não é convencional; e eu prefiro viver de accordo

com suas leis, do que de accordo com os prejuizos de um aggregado fortuito de homens ignorantes a que se deu o pomposo nome de corpo social! A minha Moral tambem não é de convenção... (*) Querem um exemplo da convencional? Não ha casa, nobre ou rica, que feche as suas portas ás mulheres casadas, cujas irregularidades de conducta todo o mundo conhece: e, entretanto, nenhuma d'ellas se abre ás mulheres, notoriamente honestas e boas, á cuja união falta a benção de um padre ou o palanfrorio de um pretor. Pois bem: a minha casa abre-se para estas e fecha-se para aquellas!... (*Com ironia*) Verdade é que não é rica nem nobre...

BARROSO.—Não se exalte, compadre.

ADELIA.—Por quem é, meu padrinho, não se zangue.

VALERIO, *acalmado-se*.—Estou perfeitamente calmo. O que eu apenas estou fazendo, agora, é aproveitar o ensejo de rebater umas tantas idéas que me parecem falsas e nocivas. A educação que dei á minha filha é escandalosa, bem sei. Aos 20 annos, em lugar de ter ataques hysthericos e uma duzia de namorados, ter medo de dormir no escuro, de sahir sosinha, de tomar banho frio e em vez de lêr os romances da moda, minha filha corre como um gamo, salta como um gato, nada como um peixe...

OCTAVIO.—E canta como um anjo!

VALERIO.—Sim, canta um pouco e toca tambem; mas essas são prendas de luxo.

(*) Este trecho, até ao fim da fala, foi supprido nas representações.

ADRIANA.—Perdão, papae; nem tanto. Não esqueça que ellas me tem sido muito uteis.

VALERIO.—Tens razão; minha filha: tens aproveitado essas prendas para ajudar teu pae, dando lições.

PAULO.—D. Adriana é professora?

VALERIO.—E'. Ensina linguas, canto, musica, desenho e gymnastica,

PAULO.—Tambem gymnastica?

VALERIO.—Pois então, meu caro Paulo? Tem uma força de lenhador, esta menina! Asseguro-lhe que o primeiro malandrim que se atrever com ella, ha de ver as estrellas e perder alguns dentes com um murro d'aquella mãosinha!... E reparem que, apezar da educação mascula que lhe dei na America do Norte, que é a minha segunda patria, ella não é nenhuma brutalhona: veste bem, tem elegancia, não faz discursos, não promove desordens e já tem feito andar á roda mais de uma boa cabeça de homem!...

ADRIANA, *vevada*.—O! papae! que está para ahí a dizer?

VALERIO.—O que era necessario, minha filha.

SCENA XII

OS MESMOS E GUSTAVO

GUSTAVO, —*veste calças e blusa de lã escura, einto de couro e bonet de pala, que, ao entrar, deixa sobre um movel.*—Dão licença?

BARROSO.—Entra, Gustavinho.

GUSTAVO, *comprimentando com desembaraço.*
—Muito boa noite, minhas senhoras e meus se-

nhores. Onde está o Dr. Paulo? (*Vendo-o*)
Ah! (*Corre a abraçá-lo*),

PAULO, *afagando-o*. Como cresceste!
Estás um rapagão! (*Gustavo vai depois beijar a mão de Valerio*).

VALERIO.—Mas, então, que foi isso? Tu aqui a estas horas?!?

GUSTAVO.—Pois, então, papae? Eu sabia que o meu amigo Paulo chegava hoje da Paulicéa e pedi licença ao patrão para vir abraçá-lo.

VALERIO.—Fizeste muito bem.

PAULO.—Obrigado, Gustavo; podes ser chamado «o menino de coração de ouro.»

SCENA XIII

OS MESMOS D. ENGRACIA, ADELIA e pouco depois JULIO

ENGRACIA, *em toilette de cerimonia*.—Já sei que estão todos com a barriga a dar horas. Mas tenham paciência mais um momento, que já vamos todos para a mesa. (*Ouve-se uma campainha*.) Tocam a campainha. Quem será?

BARROSO.—Vou ver. (*Vae á porta da rua, sahindo por um momento de scena*.)

ADELIA, *aparte*.—Diz-me o coração que é elle. Escreveu-me que viria: não pode ser outro.

BARROSO, *vindo da porta da rua*.—Faça o favor de entrar. (*Reapparece, seguido de Julio*). Paulo, tens aqui um amigo que te procura.

PAULO, *precipitando-se*.—O' Julio, como estás tu? (*abraça-o*).

JULIO.—Perfeitamente; e você? como chegou?

PAULO.—Sem novidade. Vou apresentar-te á minha familia. (*Apresentando*). Meu pae, minha mãe, minha irmã, meu irmão...

ADRIANA, *a Adelia*.—Que tens tu? Estás pallida, perturbada...

ADELIA.—Eu? Não tenho nada, minha amiga.

ADRIANA, *á parte*.—Não ha duvida; o tal rapaz é este. *Feitas as apresentações, dividem-se as pessoas em grupos, ficando Paulo, Barroso e Julio de pé, á direita baixa*.

BARROSO.—Creia que eu e toda a minha familia, temos o maior prazer em conhecê-lo, senhor doutor. Os amigos de Paulo são nossos amigos.

JULIO, *acanhado*.—Muito agradecido.

BARROSO.—Formou-se antes ou depois de meu filho, senhor doutor?

JULIO, *vexado*.—Perdão; eu não sou formado.

BARROSO, *desapontado*.—Ah! cuidei... Como é amigo de meu filho e conheceram-se em S. Paulo...

PAULO.—O meu amigo é industrial. Era gerente da typographia em que se imprimio o meu ultimo livro.

JULIO.—Não disseste toda a verdade, meu caro Paulo. (*a Barroso*). Fui eu só quem compoz todo o livro de seu filho e tenho isso como uma gloria!

BARROSO, *friamente*.—E' muita bondade. (*á parte*.) Um typographo! Se todos os amigos de Paulo são como este...

VALERIO, *a Adriana*.—Começo a sympathisar com este rapaz. Parece-me serio e trabalhador.

ANRIANA, *a Valerio*.—Tambem sympathico com elle. (*aparte*). Basta ter composto o li vro de Paulo.

SCENA XVI

OS MESMOS E CAPRISTANO

CAPISTRANO.—A janta está na mesa.

BARROSO.—Santas palavras! Eu estava... Para a mesa, meus senhores, para a mesa! *Todos erguem-se.*

JULIO.—Eu peço licença para retirar-me.

BARROSO.—Sem jantar? Não senhor. Não consentimos.

JULIO.—Muito obrigado. Já jantei; eu janto cedo.

BARROSO.—Pois ceiará, em quanto jantarmos.

JULIO.—Obedeço.

PAULO, *a Julio*.—Dá o braço á minha irmã. *Julio dá o braço a Adelia. Paulo a Adriana, Octavio a Engracia; e vão sahindo pela porta interior, ficando por ultimos Valerio e Barroso.*

SCENA ULTIMA

VALERIO E BARROSO

VALERIO.—E' bem sympathico este rapaz... Não acha, compadre?

BARROSO.—Quem?

VALERIO.—Julio Santos.

BARROSO.—Ah! o typographo! Não parece máu rapaz... mas ahí está um que não me servia para genro. Minha filha só ha de casar com um doutor.

VALERIO.—Nunca digas: «D'esta agua não beberei...»

BARROSO.—Ora, compadre!... Bem sabe que sou teimoso: quando digo uma cousa, faço-a.

VALERIO.—Casamento e mortalha, no céo se talha...

BARROSO, *desatando a rir*.—Pois sim! Minha filha casar com um typographo!... Tinha graça!... Ah! ah! ah!

(CAE O PANNO)

FIM DO 1º ACTO

ACTO SEGUNDO

A scena representa a sala em que os Drs. Octavio e Paulo Barroso tem o seu consultorio de medico e escriptorio de advogado. Duas mesas; uma á D. e outra á E. Estantes com livros. As duas mezas devem estar: a 1.^a carregada de autos e a 2.^a de frascos e vidros. Um armario tambem com frascos e com instrumentos de cirurgia. A' E. um biombo, de traz do qual estará uma cadeira-cama para exames medicos, duas cadeiras communs e um lavatoriosinho com toalha e espelho.

SCENA PRIMEIRA

OCTAVIO, PAULO E UM DOENTE

(Ao subir o panno. Paulo lê um jornal. sentado á sua banca, com a cara escondida pela folha aberta, e Octavio examina o doente, deitado na cadeira-leito, com as pernas encolhidas.)

DOENTE. — Ui !

OCTAVIO. — Doe-lhe aqui ?

DOENTE. — Muito, seu doutor. E' o figado, não ?

OCTAVIO. — Não, é o baço. E aqui, o que sente ?

DOENTE. — Coegas, seu doutor.

OCTAVIO, retirando as mãos. — Diga-me cá : (não se ouvem as palavras)... são regulares ?

DOENTE. — Ah ! seu doutor, nem me fale ! Muito pelo contrario. Se eu chego até a esquecer-me de semelhante cousa !

OCTAVIO. — Bem. Vou receitar. Pode vestir-se. (Vae á mesa, senta-se e escreve ; entretanto

o doente veste-se e sae do biombo.) Aqui tem : tome 3 d'estas pilulas, uma de manhã, outra ao meio dia e outra á noite. No fim de 8 dias volte cá. (*Dá-lhe a receita.*)

DOENTE.— Sim senhor, E diéta ?

OCTAVIO.— Pode comer de tudo, menos comidas pesadas como feijão, carne secca, bananas, goiabada..

DOENTE.— A minha sobremesa predilecta ! Uma lata dura me dois dias.

OCTAVIO.— Substitua a goiabada por ameixas em calda.

DOENTE.— Sim, *seu* doutor. Até para a semana. E muito obrigado. (*Comprimenta e sae.*)

SCENA II

OCTAVIO E PAULO

PAULO.— Bravos ! Começaste bem o dia !

OCTAVIO.— Ah ! muito bem ;— por um doente gratuito. E' um corista da Companhia do *Variedades*, da qual sou medico.

PAULO.— Mas mesmo assim, visto que a empreza te paga...

OCTAVIO.— Qual paga o que ! Tenho uma cadeira fixa para todos os espectaculos. Que queres ? sou amigo do empresario... Sabes que mais ? Eu já vou desanimando. Ha oito mezes que tenho consultorio e puz a placa na porta da casa e ainda não fiz para sapatos. Tenho trabalho, como tens visto, mas todo de meia cara. Os doentes rendosos, os que pagam, não me procuram, correm todos para as celebri-dades, para os collegas mais antigos ou mais pomadistas.

PAULO.— Eu tambem já desanimei. O que te acontece tambem me acontece a mim. Fiz umas cinco ou seis defezas gratis no jury, para apparecer. Todos estes autos são de causas findas, que peço emprestados aos escri-vães, para fingir que tenho muito trabalho. Isto não é vida ! Nós aqui sem ganhar vintem e o velho continuando a sustentar-nos, pa-gando-nos o escriptorio e as contas dos forne-cedores...

OCTAVIO.— Coitado ! Até me paga o tyl-bury em que eu ando a visitar parentes, para fingir que tenho clinica. E' uma vergonha, Paulo ! Isto não pode continuar.

PAULO.— Permanecemos estudantes, ás sopas do papá.

OCTAVIO.— E o peor é que temos de comer sardinhas e arrotar garopa. No Rio de Janeiro o medico que não morar em uma boa casa, não vestir com apuro, não andar de carro e não frequentar a sociedade, está perdido. Ninguem o procura, ninguem o quer.

PAULO.— O mesmo se dá com os advo-gados. E' uma sociedade toda de apparencias. O que se quer é pomada, reclame, estarda-lhaço. (*Passeia agitado ; Octavio recosta-se na cadeira e põe os pés sobre a mesa.*) Antes não me houvesse formado. Poderia ir ganhar a minha vida em qualquer cousa. Mas, com um pergaminho ás costas, não podemos. Somos doutores ! Doutores !... Que irrisão ! Como se o titulo de doutor fosse um titulo de renda ! Afinal, creio que tomarei um partido.

OCTAVIO.— Qual ?

PAULO.— Metto-me na imprensa.

OCTAVIO.—Ora, isso não rende nada ! No Brasil ninguem ainda vive das lettras. E depois é a mesma cousa : não te formaste em Direito para escrever noticias. Sim, para informar os povos de que Fulano cahio de um andaime e quebrou o nariz ou de que Sicrano furtou um par de calças, não foi que gastaste cinco annos a queimar as pestanas no Corpus Juris e no Lobão.

PAULO.—De accordo ; mas prefiro isso a ser amanuense, como o teu collega Eduardo Guedes, filho do Dr. Fortunato.

OCTAVIO.—Só nos resta um partido : procurar casamento rico.

PAULO.—Deus me livre ! Não vendo a minha mão ; não ponho preço á minha liberdade.

OCTAVIO.—Isso são phrases, menino, e muito *rococós*. Afinal, os nossos pergaminhos representam um dote, um capital.

PAULO.—Isso é que são idéias velhas e falsas. Essa especie de dote é tão abundante que quasi não tem mais cotação.

OCTAVIO.—Tu exaggeras, Paulo. Ainda ha muito burguez rico que sonha casar as filhas com doutores.

PAULO.—Mas isso é indigno. Só admitto os casamentos por afeição.

OCTAVIO.—Mas nada impede que elles sejam uma e outra cousa :— por afeição e por interesse. Nota que eu por emquanto não penso em tal.

PAULO.—E porque ? se achas um meio licito de arranjar fortuna ?

OCTAVIO.—Porque já dei o meu coração a uma rapariga que não é rica e com quem espero casar.

PAULO, *inquieta*.—Ah ! E quem é ?

SCENA III

OCTAVIO, PAULO e um CONSTITUINTE

CONSTITUINTE.—Dá licença, seu doutor ?

PAULO.—Faça o favor de entrar. A quem procura : ao medico ou ao advogado ?

CONSTITUINTE.—Ao advogado,

PAULO.—Queira sentar-se. (*Constituinte senta-se.*) De que se trata ?

CONSTITUINTE.—Eu lhe digo, seu doutor. Ha dois annos emprestei a quantia de 600\$000 réis a um individuo...

PAULO.—E elle passou-lhe algum documento ?

CONSTITUINTE.—Passou-me esta lettra.

PAULO.—Deixe ver. (*Constituinte dá-lh'a. Paulo avamina-a.*) Está em termos. E' uma questão ganha. Temos de propor-lhe uma acção de dez dias. Dentro de 30 dias, no máximo, o Sr. estará pago. E quer que eu advogue a sua causa ?

CONSTITUINTE.—Sim, senhor doutor.

PAULO.—Bem ; tem de dar-me procuração, cujo rascunho vou fazer. (*Escreve.*)

CONSTITUINTE.—E por quanto é que o Sr. me trata deste negocio ?

PAULO, *escrevendo*.—O senhor me pagará 20 por cento do que receber, pagando tambem todas as despesas.

CONSTITUINTE.—Ah! Sr. Dr. é um pouco salgadinho. Eu sou pobre! Tenho familia muito numerosa; ganho muito pouco no meu negocio...

PAULO.—Bem; pagar-me-á só 10 por cento; não faço questão. Aqui tem a norma para a procuração. (*O Constituinte recebe-a e lê*).

CONSTITUINTE.—Ah! mas V. S. não é o Dr. Ambrosio Vargas?

PAULO.—Não, senhor. Chamo-me Paulo Barroso. O Dr. Vargas tem o escriptorio ao fundo do corredor.

CONSTITUINTE, *levantando-se*.—Ah! desculpe-me V. S. Era ao Dr. Ambrosio Vargas que eu procurava. Enganei-me com o escriptorio. Desculpe V. S. Queira V. S. desculpar-me... (*Sae, muito mesureiro.*)

SCENA IV

PAULO, OCTAVIO, e, pouco depois BARROSO

(*Os dois encaram-se a principio muito sérios. Depois Octavio desata a rir perdidamente e, por fim, Paulo ri tambem.*)

OCTAVIO.—Ah! ah! ah! E' boa! Esta agora!... Ah! ah! ah!

PAULO, *enfado*.—Eu já estava desconfiado de tamanha fortuna! Só por engano é que me vem constituintes!

OCTAVIO.—Foi pena que elle te não houvesse pago já alguma cousa.... Ora o diabo! Ah! ah! ah!

PAULO.—Deu-me vontade de correr a ponta-pés, palavra! Eu acabo pagando a

alguns sujeitos para serem meus constituintes!... (*Ri*).

OCTAVIO.—Decididamente, se continuamos assim, dentro de pouco tempo estaremos ricos!

BARROSO, *da porta*.—Dão licença, senhores doutores?

P. e OCTAVIO.—Oh! papae! (*Beijam-lhe a mão*).

BARROSO.—Passei por aqui e subi a descansar um bocado (*a Paulo*). Tua mãe e tua irmã não appareceram ainda por cá?

PAULO.—Ainda não, senhor.

OCTAVIO.—Ellas ficaram de vir?

BARROSO.—Ficaram. Tinham de fazer umas compras. Combinámos encontrar-nos aqui para voltarmos juntos para jantar.

OCTAVIO.—Mas ainda é muito cedo. (*Vê o relógio*) Apenas duas horas.

BARROSO.—A proposito, Octavio: ando inquieto com a saude de tua irmã. Não a tens achado tão abatida?

OCTAVIO.—Sim, um pouco. Está muito anemica.

BARROSO.—Quasi não come; tenho-a encontrado a chorar, pelos quartos. Ah! eu bem sei o que aquillo é! E vocês tambem o sabem; principalmente o Paulo, que foi o autor involuntario de tudo isto...

PAULO.—Eu, meu pae? ! Como assim?...

BARROSO.—Apresentando em nossa casa o tal typographo!

PAULO.—Perdão, meu pae: Julio é um moço muito digno e eu não podia prever que a Adelia se apaixonasse por elle.

OCTAVIO. — O que é certo é que é preciso distrahir-a, a não querer consentir no casamento.

BARROSO, *erguendo-se, energico*. — Isso nunca ! Um typographo...

PAULO. — Mas, meu pae...

SCENA V

BARROSO, OCTAVIO, PAULO e ROBERTO
VIEIRA

ROBERTO, *da porta*. — O Dr. Octavio dá licença ?

OCTAVIO, *á parte*. — Oh ! que cacete ! Estou arranjadinho ! (*alto*). Entre, Sr. Roberto. (*Roberto entra pallido, abatido e desconfiado ; deixa sobre uma cadeira o chapéo*). Então como tem passado ?

ROBERTO. — Ah ! meu amigo, mal ! muito mal !... Cada vez peor !

OCTAVIO. — Então é que não tomou os ultimos remedios que lhe receitei !

ROBERTO. — Tomei, sim, cinco ou seis dias. Mas peiorei com elles. Estou muito mal ! Ah ! eu não escapo !... Veja como tenho as mãos frias ! e, entretanto, a testa escalda-me ! (*Octavio apalpa-lhe as mãos e a testa*).

OCTAVIO, (*rindo*). — Estes dyspepticos ! Você tem, ao contrario, as mãos quentes e a fronte fresca. Está mesmo com melhor semblante.

ROBERTO. — O senhor está me enganando. Não quer dizer-me a verdade. Eu estou morto ! (*Descae o corpo*).

OCTAVIO. — Você tem apenas uma dyspepsia rebelde : a dyspepsia dos homens de letras. Vá passar um mez em Lambary, sem pensar no seu jornal, nem em nada que cheire á litteratura e ficará bom.

ROBERTO. — Qual ! Nessa não caio eu. Para morrer em viagem, ou logo que chegue lá ?... Não quero expirar longe da minha familia... Estou muito mal ! Não durmo : não posso dormir !... (*Barroso e Paulo conversam baixo de vez em quando*).

OCTAVIO. — E appetite, tem algum ?

ROBERTO. — Qual ! como que nem um passarinho !

BARROSO. — Isso é que é máu ! Coma-lhe e beba-lhe e não pense em cousas tristes.

OCTAVIO, *sorrindo*. — Diga-me cá : o que almoçou hoje ?

ROBERTO. — Eu lhe digo : quasi nada... Comi um bife com batatas e tomei uma canja de gallinha, dois ovos quentes, chá preto e pão com manteiga.

BARROSO, *rindo*. — E' o que se chama um fastio comedor ! Pois olhe : tomara eu o seu fastio !

OCTAVIO. — Muito engraçados estes dyspepticos ! Comem demais e depois vêm-se atrapalhados com a digestão. E' muito natural que sofram...

ROBERTO. — Mas se quando eu não como é ainda peor ! Começam as tripas a roncar que é um desespero ! Ai ! Eu não resisto. Se como, padeço ; se não como, padeço da mesma maneira. Um inferno !...

BARROSO.—Em todo o caso, o melhor é ir comendo, por causa das duvidas ! Sacco vasio não se põe em pé.

ROBERTO, *levantando-se, angustiado*.—Doutor ! Doutor ! Estou muito afflicto ! Ai ! Eu morro !... (*Octavio acode-lhe ; Barroso e Paulo approximam se, inquietos*).

OCTAVIO.—Não é nada. Sente-se. (*Senta-o e desaperta-lhe o collete e as calças*). Paulo, faze-me o favor : dá-me o vidro de agua de Melissa alli do armario, no cantinho á direita. (*Paulo executa*). Isto não vale nada. Tudo nervos. (*Recebe o vidro, desarrolha-o, leva-o á bocca de Roberto*). Beba um trago.

ROBERTO.—Assim, puro ? Mas isso vae matar-me !

OCTAVIO.—Beba, homem. Pois você não está convencido de que vae morrer ? Pois, então, tanto faz morrer da molestia como da cura. Beba ! (*Roberto bebe um gole*).

ROBERTO.—Bebi de mais, doutor ? Não vá ter eu bebido de mais, heim ? Diga, doutor eu ... (*Arrota com estrondo*).

BARROSO.—Isso ! Isso ! Vae alliviar já. A minha Engracia soffre da mesma cousa ; chama-lhe flacto.

OCTAVIO.—Não vale nada. São gazes. Dentro em cinco minutos ha de achar o mundo côr de rosa.

ROBERTO.—Parece-lhe, doutor... ? (*urrota*) que eu poderei ficar bom... (*arrota*) d'esta mal-dita... (*arrota*) molestia ?

OCTAVIO.—Fica, sim, fica ; já-lh'o disse.

ROBERTO.—Tenha paciencia, doutor :—examine-me, outra vez, pelo amor de Deus ! examine-me.

OCTAVIO.—Mas, homem de Deus, se não é necessario !

ROBERTO.—E' sim, doutor ; tenha paciencia. Eu estou... (*urrota*) muito mal ! Tenho uma dilalatação na aorta ! Examine-me... (*arrota*)

OCTAVIO, *ar de resignação*.—Pois bem ; venha d'ahi, seu maricas ! (*Entra para o biombo ; Roberto acompanha-o, segurando as calças*).

BARROSO.—Coitado !

PAULO.—E' isto quasi todas as semanas. Eu, no caso do Octavio, já tinha corrido com elle !

BARROSO.—Ora essa ! Correr com um cliente ! ?

PAULO.—Pois, então ? Se elle não rende nada !

BARROSO.—O que ! O Octavio atura este cacete de graça ? (*Signal affirmativo de Paulo. Octavio examina Roberto, que, de vez em quando, arrota mais fraco*).

PAULO.—Este e os outros. A nossa clientela é quasi toda de meia cara ! Somos principiantes .. Eu estava mesmo para fallar-lhe a este respeito e o Octavio tambem.

ROBERTO.—E a carótida ? Auscultou a carótida ?

OCTAVIO.—Está magnifica ! Tudo isso, que você sente, é nervoso. Vamos ver o ventre. Deite-se. Encolha as pernas. (*Roberto executa*).

PAULO.—Ha oito mezes, que estamos de escriptorio aberto e não temos feito nada. Meu pae bem o sabe, visto que continúa a dar nos mezada, como se fossemos estudantes.

BARROSO.—E' teimarem e serem assiduos aqui. E não se importem com o que eu gasto

com vocês. Teu irmão é um pouquinho esbanjador, é; mas dentro de alguns mezes vocês hão de estar ganhando muito dinheiro.

OCTAVIO.—Prompto. Pode vestir-se.

ROBERTO.—Então, doutor? Seja franco; estou perdido?

OCTAVIO.—Não seja maniaco! Qual perdido! O estomago está apenas um pouquinho dilatado...

ROBERTO.—E' a aorta, é o diabo da aorta! Se eu a sinto dilatar-se!

OCTAVIO.—E' a muita agua que você ingere todos os dias.

ROBERTO.—Mas eu só bebo agua de Selters ou de Vichy!

OCTAVIO.—E' a mesma cousa ou peor. Tudo é agua. Beba o menos que puder, sobretudo nas refeições. (*Vem para a sala, senta-se e escreve a receita. Roberto acaba de vestir-se e sae do biombo*).

ROBERTO.—Tem ido ao circo, Dr. Paulo?

PAULO.—Duas ou tres vezes...

ROBERTO.—Lindas as irmãs Gilbert, hein? Que braços! E a «Menina de Aço»? Que collo! Que pernas!... Ah! eu não falto! Hoje lá estarei.

BARROSO, *rindo*.—Para um moribundo não é de todo má essa resolução.

OCTAVIO, *vindo com a receita*.—São assim todos os dyspepticos. Agora, estão a morrer; cinco minutos depois dançam a polka. (*Para Roberto*). Aqui tem. Tome isto aos meios calices; um depois de cada refeição. Coma pouco e a miudo. Beba o menos que puder, e passeie, distraia-se, jogue o bilhar, ande a cavallo, faça *bicyclette*...

ROBERTO.—Adeus, doutor. Olhe, eu lá estou no *Atalaia Popular*, ás suas ordens. Quando quizer alguma reclamesinha... Sem cerimonia...

OCTAVIO.—Obrigado.

ROBERTO.—Meus senhores! (*Comprimenta e sae*).

SCENA IV

PAULO, OCTAVIO E BARROSO

BARROSO.—Se todos os teus clientes são d'esta força, farás fortuna em pouco tempo.

OCTAVIO.—Não; da força d'este não tenho nenhum graças a Deus! E' unico! Não ha jequitibá que se lhe compare.

PAULO.—Em compensação elle tem algumas clientes muito interessantes.

BARROSO.—E' verdade; lembra-me ter visto, um dia d'estes, uma d'ellas, que não é nenhuma asneira.

OCTAVIO.—E' uma actriz do *Variedades*. Sou medico da Companhia a troco de uma cadeira fixa. (*Deixando-se cahir n'uma cadeira, desanimado*). Já vou perdendo a paciencia e a esperança.

BARROSO, *batendo-lhe no hombro*.—Não sejas maricas! Um homem é um homem e um gato é um bicho! Mas o que me preocupa, agora, não é isso; é o estado de saúde da Linóca.

PAULO.—Tambem, a mim, me tem inquietado.

BARROSO, *a Paulo*.—O que achas que devo fazer?

PAULO.—Não posso lhe dar conselhos, meu pae.

BARROSO.—Diz, em todo o caso, o que pensas.

PAULO.—Penso que meu pae tem nas suas mãos o meio seguro de restituir-lhe a saude e a alegria.

BARROSO.—Qual é ?

PAULO.—Casal-a com o homem a quem ama.

BARROSO, irritado.—Com o Julio Santos?! Nunca! Já disse... (*Octavio desinteressa-se da conversação folheando um livro*).

PAULO, respeitoso.—Mas porque, meu pae? O Julio é um moço trabalhador e honesto.

BARROSO.—Não basta. Não tem posição social; ninguem lhe conhece a familia... Ora, um typographo! Era o que faltava! (*passa-se agitado*).

PAULO.—Mas, meu pae, perdoe-me Vmcê. contradictal-o: o Julio, comquanto seja obscuro e pobre, reúne todas as qualidades de um bom marido, e ha de sel-o, asseguro.

BARROSO, mesmo joco.—Um compositor de jornaes!... Não ganha nem para pagar a casa!

PAULO.—O que elle ganha actualmente pouco importa. Papae é abastado; poderá, querendo, dar-lhe a mão, crear-lhe uma posição.

BARROSO.— Isso, porém, não modificará a sua origem: será sempre um artista. E que artista!... Não achas, Octavio?

OCTAVIO, fechando o livro e erguendo-se.— Não sou homem de preconceitos; mas, bem pensando no caso, papae, afinal, tem razão.

PAULO, fitando-o com certa estranheza.— Pois tambem tu?

OCTAVIO, apanhando o chapéo.—Homem, não quero discussões a tal respeito. Já disse o que pensava e acabou-se! (*Consultando o relógio*). Vou ver um doente. (*á parte*) Na confeitaria *Braço de Ouro*.

BARROSO.— Espera um momento: eu saio contigo.

OCTAVIO, á parte.—Bonito! preciso inventar um doente.

BARROSO.— Querem vocês saber uma coisa? Achei o meio de cortar o mal pela raiz: faço uma viagem e levo a pequena.

OCTAVIO.—Não é má idéia.

BARROSO.— Pois é: dentro de 15 dias partimos para a Europa.

PAULO.—Oxalá não se arrependa!

BARROSO, despedindo-se.— Adeus, Paulo; até logo. Vaes jantar?

PAULO.—Sim, senhor. Até logo. (*Saem Barroso e Octavio*).

SCENA VII

PAULO, e, pouco depois, ANNIBAL

PAULO, só.—Diabo! a cousa complica-se! Esta viagem vae transtornar tudo!... Receio muito pela vida de Adelia. E' uma paixão cega! (*Attitude de reflexão*). Mas, não me devo conservar inerte; é preciso agir. Vou chamar Julio aqui, para prevenil-o. (*Senta-se á banca e escreve. Annibal, entra açodado, sem tirar o chapéo*).

ANNIBAL.—Licença para um perseguido.

PAULO.—Olá ! Perseguido por quem ?

ANNIBAL.—Por um cadaver. E que cadaver !... Putrefacto ! Fedorento ! Hediondo !... O meu alfaiate !

PAULO, *escrevendo sempre. Annibal tem se deixado cahir numa cadeira, mollemente.*—Mas, porque o não enterras ?

ANNIBAL.—E' boa ! Porque não tenho dinheiro !

PAULO, *á parte.*—Temos facada ; já sei.

ANNIBAL.—Oh ! Paulo, não podias concorrer com uma pá de cal para enterrar esse defunto ?

PAULO.—Não, meu caro ; não posso ser mordido !

ANNIBAL.—Nem ao menos em dez mil réis, homem ?

PAULO.—Dar-te-ei, quando muito, cinco gottas do meu precioso sangue ! (*Tira uma carteira do bolso e d' esta uma nota e entrega-lh' a*).

ANNIBAL, *contemplando a nota ; com solemnidade comica.* Cinco mil réis ! Que miseria !... Isto não dá nem para um *lunch* ! E dizer que foi para sangrar os amigos que me fiz bacharel em Direito. Mas tambem a culpa foi do meu velho. Quem lhe mandou dar-se ao luxo de querer ter um filho doutor ? (*Paulo tem acabado de sobrescriptar a carta e ergue-se com ella na mão*)

PAULO.—Teu pae fez mal. Devia ter consultado a tua vocação.

ANNIBAL.—Mas eu só tenho uma.

PAULO.—Qual ?

ANNIBAL.—Casar rico ! E' singular ! Tenho uma embocadura extraordinaria para genro de millionario ! E' a unica profissão que me attrae.

PAULO.—E' verdade, Annibal ; vou pedir-te um favor.

ANNIBAL.—Estou ás tuas ordens.

PAULO.—E' entregar esta carta na typographia Sul-Americana, á rua da Alfandega. (*Dá-lhe a carta*).

ANNIBAL.—E' já ; não me custa nada. (*Recebe a carta e mette-a no bolso*) Vou rodando ! Adeus ! Até á vista, e obrigado ; ouviste ? Devo-te cinco mil réis de gratidão ! (*Sae*).

SCENA VIII

PAULO, e, pouco depois, ADRIANA

PAULO.—Que bôbo alegre ! E' um argumento vivo contra a mania do doutoramento.

ADRIANA, *á porta.*—Dá-me licença ?

PAULO, *voltando-se, sorpreso.*—Ah ! é a senhora ? Faça o favor de entrar. (*Adriana adianta-se e estende-lhe a mão, sorrindo*). A que devo a honra de sua visita ? ou... quem sabe ? (*Com intenção*) não era talvez para mim...mas, sim, para o Octavio...

ADRIANA, *com simplicidade.* Era para ambos, visto que o fim da minha visita não era egoista...

PAULO, *com azedume.*—Para ambos, porque daria muito na vista ser sómente para um... Não é assim ?

ADRIANA, *sorrindo bondosamente.*—Não o sabia tão zeloso ! Olhe que eu não supporto os zelos, sabe ? Quando ha confiança, quando se conhece a pessoa a quem se estima, não se deve ter ciumes d'ella. Mas porque me fala

assim ? Acredita, talvez, que correspondo á côrte que me faz seu irmão ?

PAULO.—Suspeito que sim... porque elle já teria desistido se assim não fosse.

ADRIANA.—Como conhece mal os homens! E' justamente o contrario, meu amigo. (*Ficando seria*). Mas pôde ainda duvidar do meu affecto ? Pode ainda suppor que eu, tendo-lhe promettido ser sua esposa, alimente as esperanças, o capricho de outro ?—e, então, quem, seu irmão ?...

PAULO.—Entretanto, elle parece contar... ou pelo menos esperar que...

ADRIANA.—Não o desenganei ainda formalmente porque, sabendo quanto é vaidoso, tenho receio que se offenda e nos hostilise... mas acho que o melhor é mesmo dizer-lhe a verdade, francamente, sem rebugos. Oh ! a verdade é uma senhora com quem a gente nunca se compromette em sahir a publico.

PAULO, *tomando-lhe a mão*.—Oh ! Adriana, como eu a amo ! Olhe, o que lhe tenho dito em meus versos é a pura verdade... O affecto que lhe consagro, que sinto levar-me, arrastar-me para a senhora, é um affecto extranho, complexo, inexplicavel quasi. E' um mixto de paixão, respeito, admiração e amisade... A senhora é para mim como uma deusa que se humanasse... um anjo que, pelo amor de um homem, desprendesse as azas e despisse a immortalidade... Acho-a tão pura, tão bella, tão superior ; e reconheço-me tão pequenino, tão insignificante, tão indigno do seu amor, que não ousa acreditar que possa divinisar-me com elle... Por isso tenho zelos, por isso duvido, e tremo, e soffro... Oh ! como eu soffro de

não a merecer, de me não sentir digno do seu amor ! Porque a conheci ? Porque a amei ? Pobre de mim ! (*Beija-lhe a mão com transporte*).

ADRIANA, *abandonando a mão*—Quer saber porque ? Porque todo o amor verdadeiro é quasi sempre correspondido... Porque, assim como o abysmo chama o abysmo, o amor chama o amor. Acredito, com Lamartine, que Deus crêa, lá no Céu, as almas aos pares, gêmeas, e, depois, atira-as á terra. Quando se encontram, realisa-se esse mysterio sublime, essa integração divina, que se chama—Amor, e que é o synonymo unico de felicidade.

PAULO.—Tem razão. (*Com embebecimento*).—« Alma gêmea da minha, ingenua e pura ! » (*Adriana, commovida, deixa-se cahir sobre uma cadeira. Um silencio*).

ADRIANA, *como despertando*.—Mas... não foi para tratar de mim... nem de nós que aqui vim .. como já lhe disse. (*Levanta-se*). Foi para tratar de sua irmã, que considero minha tambem.

PAULO.—Ah ! fale, D. Adriana ..

ADRIANA, *sorrindo*.—Porque me não trata por tu ?

PAULO, *muito alegre*.—Podia eu ter semelhante ousadia ? Sim, é por tu que devo tratar-te, porque é por tu que o homem se dirige á Divindade !

ADRIANA.—Poeta !... Mas ouve. O caso de tua irmã é muito sério. Acredito que se teu paé insistir em oppor-se ao casamento com o Julio, ella succumbirá ao desespero. E' preciso obrigar-o a consentir nesse enlace.

PAULO.—Sou da tua opinião. Que fazer porém ?

ADRIANA.—Mostrar-lhe que se arrisca a perder a filha, se continuar, na sua teimosia.

PAULO.—Pouco antes de entrares, tentava eu convencer-o. Sabes o que resolveu ? Partir para a Europa ; levar d'aqui minha irmã para fazel-a esquecer a paixão pelo Julio.

ADRIANA.—Que loucura ! E' preciso impedir essa viagem.

SCENA IX

PAULO, ADRIANA, OCTAVIO

OCTAVIO, *da porta*.—Adriana aqui ! Conversando com o Paulo ! (*Adianta-se e, com ar contrariado*). Boa tarde !

ADRIANA, *voltando-se*.—Boa tarde, Octavio. Como está ?

OCTAVIO, *seccamente*.—Bem, obrigado. (*Com ironia*). Veio consultar o advogado, ou o medico ?

ADRIANA.—Vim consultar a ambos, mas não para mim, para uma pessoa que todos estimamos muito : a Adelia.

OCTAVIO.—Ah ! bem me parecia... Mas quem sabe se fui indiscreto... se vim interrompel-os... (*Menção de sahir*).

ADRIANA.—Deixe-se de ironias. Já lhe disse que tinha vindo conversar com ambos, ácerca de sua irmã. Se outro fosse o motivo, dil-o-ia do mesmo modo. Vim prevenil-os de que devem empregar todos os esforços para demover seu pae do proposito de impedir o

casamento de Adelia com Julio. Podem contar para isso, com a cooperação minha e de meu pae.

OCTAVIO.—Eu não me metto nisso. Não quero contrariar o *velho*, nem tomar a menor responsabilidade por esse casamento, que pôde ser um desastre.

PAULO.—Metto-me eu, e com todo o calor. Continuarei a defender a causa do meu amigo, e tudo farei para que esse casamento se realise.

ADRIANA.—Muito bem. Seremos tres a trabalhar pela nossa amiguinha. (*Consultando o relógio*). Tres horas e meia. Tenho ás quatro uma lição de canto na rua do Cattete. Vou-me embora. Adeus, Octavio ; adeus, Paulo. (*Despede-se e sae*).

SCENA X (*)

PAULO E OCTAVIO

(*Octavio, de máu humor, ora passeia ora fuma, ora folheia livros. Paulo observa-o.*)

PAULO.—Que diabo foi que te indispoz d'esse modo ? Estás com uma cara de sexta-feira da Paixão !

OCTAVIO.—Ao passo que a tua é de Paschoa ! Que queres ? este mundo é assim : enquanto uns entoam o *De profundis*, cantam outros a walsa da *Mimi Bilontra*...

PAULO.—Mas isso não responde á minha pergunta.

(*) Esta scena foi encurtada e alterada nas representações.

OCTAVIO.—Nem sei já qual foi.

PAULO.—Perguntava-te a causa d'esse máu humor.

OCTAVIO.—Não estou de máu humor, mas irritado, apenas. E' que ha cousas que me põem fóra de mim. Por exemplo, ver uma rapariga solteira e séria ir ao escriptorio de moços, como se fosse um homem.

PAULO, *á parte*.—Hum! Bem me parecia... Ha de, ser isso, rapaz! (*alto*). Mas que tens com isso? Adriana é tua irmã? é tua noiva?

OCTAVIO, *um pouco confuso*.—Não, não é nada, mas...

PAULO.—Ou é, talvez, tua namorada?

OCTAVIO, *com exagerado espanto*.—Minha namorada? que idéia! Ora essa!...

PAULO.—Homem, não te espaltes assim; parece que viste a hydra de Lerna! Porque não podia Adriana ser tua namorada? Não lhe fazes a côrte, porventura?

OCTAVIO.—Absolutamente. Trato-a com as atenções que merece e mais nada.

PAULO.—Olha, Octavio, sejamos francos. Desejas a mão de Adriana? Fala-lhe; acaba com isso. Eu amo-a: ella escolherá entre nós dois, e que o não escolhido se resigne á sua sorte. E' preciso definir a nossa situação.

OCTAVIO.—Ella está definida: Adriana distingue-te por todos os modos. Ama-te, provavelmente.

PAULO, *um pouco irritado*.—Mas se sabes isso, porque insistes em namoral-a? para que lhe fazes uma côrte, além de ociosa, impertinente! Não é sério nem leal. Queres o campo livre para conquistar-a, para apaixonar-a por ti? Dize o e farei uma viagem para deixar te

em liberdade. Se não queres tentar essa experiencia e se sabes que nos estimamos e desejamos—deixa-nos em paz, não nos embaraces nem contraries.

OCTAVIO, *após um momento, em que passêta agitado, subitamente*.—Tens razão, Paulo; tens toda a razão. O que tenho feito não é correcto. Perdôa-me! Que queres? O amor proprio arranhado obriga a fazer tolices. Dá-me um abraço, meu querido irmão, e sé feliz com a tua Adriana. (*Abraçam-se*).

SCENA XI

PAULO, VALERIO e OCTAVIO, que sae logo

(*Valerio, ao entrar, suprehende-os abraçados*).

VALERIO.—Bravos! Caio em meio de uma scena de familia, de um drama intimo! Permittam que destille e enxugue a lagrima classica da situação. (*Faz menção de enxugar uma lagrima ao canto de um olho, comica-mente. Os dois desprendem-se meio confusos*).

OCTAVIO.—Oh! o Sr. Valerio! (*Valerio aperta-lhe as mãos*). Vou sahir; mas não julgue que foi por vel-o entrar. E' que tenho de acudir a um chamado, além de que está terminada a hora da consulta. Até logo.

VALERIO.—Até logo; mesmo porque é hoje o meu dia de recepção.

OCTAVIO.—Até logo, sim. Adeus, Paulo.

(*Sae*)

SCENA XII

PAULO e VALERIO

VALERIO, — *escarrancha-se em uma cadeira põe o chapéo sobre a mesa e accende um cigarro.* — A Adriana não esteve aqui?

PAULO. — Sahio não ha uma hora. Veio...

VALERIO. — Sei o que veio fazer. Ella não dá um passo de que me não faça sabedor. E o que decidiram?

PAULO. — O Octavio eximiu-se de entrar nessa conspiração louvavel ; mas eu e sua filha contamos com o apoio do meu bom amigo para leval-a a cabo. Escrevi uma cartinha ao Julio, chamando-o aqui para negocio urgente. Não deve tardar.

VALERIO. — Tenho o meu plano preparado e creio ser infállivel.

PAULO. — Qual é ?

VALERIO. — Esse é o meu segredo. Sabel-o-á, talvez, esta noite mesmo, em nossa casa. Previno-o, porém, de que, na surpresa que a todos preparo, o meu caro Paulo terá tambem a sua parte, e muito importante.

SCENA XIII

PAULO, VALERIO, JULIO SANTOS

JULIO. — Com licença,

PAULO, *a Julio.* — Entra, meu caro Julio. (*Julio comprimenta-os*).

JULIO *a Paulo.* — Pediste-me que viesse ver-te com urgencia. Aqui estou. De que se trata ?

PAULO, *dando-lhe uma cadeira.* — Sentemo-nos. (*sentam-se*) Trata-se da tua felicidade e da de minha irmã.

JULIO. — Já desisti completamente do intento de desposal-a ; intento que era antes uma aspiração, um sonho louco... Ha tres mezes que lhe não appareço nem escrevo...

PAULO. — Sei d'isso. Mas continuam a amar-se e ainda mais intensamente, graças aos obstaculos oppostos.

JULIO. — Não o nego, quanto ao que me diz respeito.

PAULO. — Adelia tambem. Está de uma magreza e debilidade de causar dó ! Ora é preciso que este casamento se faça.

JULIO. — Mas eu não posso... Sou pauper-rimo. Toda a minha fortuna é o meu componidor. (*Mostra um componidor que tira do bolso*).

PAULO. — Bem sei. Mas nós, tens amigos, não descansamos. Quero apenas pedir-te uma cousa—que nos dês autorisação ampla e illimitada para trabalhar, para preparar a realisção desse enlace.

JULIO. — Do melhor grado, mas...

PAULO. — Não ha *mas* nem meio *mas*. Ou tens confiança em mim, no Sr. Valerio e em D. Adriana, ou não tens ; se tens, cala-te e espera.

JULIO. — Confio inteiramente. Farei tudo o que me ordenarem.

VALERIO. — Muito bem. Por emquanto só se lhe ordena uma cousa, e é que hoje á noite me honre com suavisita.

JULIO.—Mas, Sr. Valerio, em sua casa estarão D. Adelia e seu pae, e...

VALERIO.—Então, é assim que obedece?

JULIO.—Pego perdão. Irei esta noite á sua casa.

PAULO e VALERIO.—Muito bem! (*Erguem-se todos. Barroso apparece á porta e pára, sem ser visto dos tres*).

JULIO, *despedindo-se*.—Até logo. (*Ao sahir dá com Barroso. Este afasta-se para deixal-o passar. Julio sauda com a cabeça, não sendo correspondido*).

VALERIO a Paulo.—Saia tambem; deixe-me só com seu pae.

SCENA XIV

VALERIO e BARROSO

BARROSO, *á parte*.—Os tres em conferencia! Andam mouros na costa! Cuidado! (*Alto*). Não esperava encontral-o aqui, e, muito menos, conversando com aquelle typo!

VALERIO, *rindo*.—Typo, não: typographo.

BARROSO.—E' a mesma cousa.

VALERIO.—Estavamos conversando sobre a chuva, a crise ministerial e o cultivo da batata ingleza!

BARROSO.—Homem, você leva tudo á viola. E' porque não tem desgostos; porque a macaca ainda não lhe entrou em casa.

VALERIO.—Simplesmente porque não lhe abro a porta, como você.

BARROSO.—Tratemos de cousas mais sérias. Sabe que resolvi fazer uma viagem á Europa?

VALERIO.—Já me disseram isso, mas tomei a cousa por brincadeira...

BARROSO.—Não ha nada mais sério, ao contrario.

VALERIO.—Então você está com o miolo molle! Fazer uma viagem á Europa como cambio a 7 e sem nenhuma necessidade...

BARROSO.—Isso é que não. Si não fosse necessario não a faria.

VALERIO.—E qual é a necessidade?

BARROSO.—Você bem sabe.

VALERIO.—Eu, não.

BARROSO.—Ora, é a paixão da Linóca por esse borra-botas que ahí estava, ha pouco.

VALERIO.—E o compadre tem certeza de que a viagem ha de cural-a d'essa paixão pelo Julio?

BARROSO.—Certeza, não tenho; mas tenho esperanza; vou tentar.

VALERIO.—E se o remedio, em vez da cura, lhe desse a morte?

BARROSO.—Qual morte! De paixão ninguém morre! A viagem ha de distrahil-a e fazel-a esquecer.

VALERIO.—E se não fizer? Se, na volta, ella ainda o amar, e, apenas completar a idade legal, casar com elle contra a vontade dos paes?

BARROSO.—Será como se tivesse morrido! Negar-lhe-ei a minha bençam; nunca mais lhe porei os olhos em cima!

VALERIO, *sentando-se*.—Mas, compadre, attenda: para que ha de levar para o tragico

cousas tão simples?! Porque não consente nesse consorcio?...

BARROSO, *zangando-se*. — E' bôa! Já-lh'o disse uma duzia de vezes: porque o rapaz é um artista, um typographo, um João Ninguém.. Indaguei da sua familia: o pae é um chefe de officina no Arsenal de Guerra, e a mãe é lavadeira. Felizmente está morta.

VALERIO. — Oh! compadre!... A paixão fal-o dizer crueldades!

BARROSO. — E' verdade... Quando penso em semelhante cousa perco a razão! Mas não é para menos. Ter uma filha bonita e boa, educal-a cuidadosamente, gastando rios de dinheiro, para depois entregal-a a um typographo, filho de um ferreiro e de uma lavadeira! Não; é duro, é muito duro!... Não consigo! E eu que a destinava a um doutor, a homem de posição!

VALERIO. — Mas porque não a destinava tambem a um artista de talento, um litterato, um maestro, um jornalista?

BARROSO. — Porque nada d'isso é profissão decente de que se possa viver no Brazil; porque artista é synonimo de maluco ou de vagabundo! Ora ahi tem!... Corra as confeitarias, os botequins, os theatros, e encontral-os-á aos magôtes, na pandega, fumando, tomando chopps, em companhia de perúas e de desordeiros. Tenho horror a esses bohemios!...

VALERIO. — Está bem; não discutirei essa repugnancia e esse horror. Mas lembro-lhe que o Julio não é nada d'isso. E' um rapaz serio, trabalhador, que não frequenta logares suspeitos.

BARROSO. — Mas não tem estudos, nem

posição, nem futuro. E' um simples official de officio ou pouco mais.

VALERIO. — E' de fazer perder a paciencia a um santo... de pedra! O que nobilita e define o homem é o trabalho honesto! Tão digno de estima e respeito é o carpinteiro a aplinar as suas madeiras, como o juriscunsulto a lavrar pareceres, como o medico a tratar de enfermos! O doutorismo é um preconceito estúpido!... Se todos fossem doutores, quem havia de nos fazer os sapatos, as roupas, as casas, os chapéos, os moveis?! A felicidade na terra não depende de um *D-r* antes do nome!

BARROSO, *perdendo a paciencia*. — Homem, sabe que mais? (*pausa*). Mais nada! Vou-me embora! Você está hoje com *ellas*; e eu não estou para atural-o... (*Menção de sahir. Valerio retém-o*).

VALERIO. — Espere cá. Sómente uma pergunta: Se o Julio Santos deixar de ser typographo, artista, official de officio... lá o que você entender, para tornar-se grande industrial ou commerciante, você consentirá em dar-lhe a mão de Adelia?

BARROSO, *reflectindo*. — Talvez... Conforme... seria caso para reflectir. Mas, como tal caso não se pode dar, vou preparar as malas. Até logo.

VALERIO. — Até logo, lá em casa, para o chá e o *manilhota* das quintas, não é assim?

BARROSO. — Está visto que sim. (*Sae.*)

SCENA XV

VALERIO, só. — Arre ! Que cabeça de bagre ! Estes burguezes parecem ter cebo de carne secca no cerebro, em vez de encephalo!— Mas hei-de vencer este casmurro ! Vou deixar duas palavras ao Paulo, para o caso de que elle ainda volte aqui. *(Senta-se e escreve)*. «Meu caro Paulo. Dei um ataque em regra ao teu velho. Está duro de levar como a fortaleza de Malakoff ! Mas tenho grandes esperanças de que esta noite tomal-a-emos de assalto. Até logo.» *(Falando)*. Muito bem. Vou-me embora. *(Sae)*.

SCENA ULTIMA

ROBERTO (só)

(A scena fica vazia por um momento. Depois entra Roberto com os olhos espantados, gestos em desordem). Doutor! Doutor! Não vejo ninguém. Talvez atraz do biombo. Doutor ! *(vai verificar atraz do biombo)*. Ninguém ! Que horror !... Vou morrer aqui, sósinho, ao desamparo ! *(Deixa-se cahir sobre uma cadeira, desabotoando o collete e o cós das calças)*. Tenho uma revolução na barriga ! E' um 15 de Novembro de croquettes e de empadinhas ! !...

CAE O PANNO

FIM DO 2º ACTO

ACTO TERCEIRO

O theatro representa a sala de visitas da casa de Valerio Malta. Uma sala ornada com simplicidade e fino gosto, sem piano. Pelas paredes quadros, pannos japonezes, estatuetas, ventarolas e, numa dellas, sobre um disco de velludo carmezim, um trophéo de cachimbos de varios tamanhos e feittos, dispostos nos espaços comprehendidos nos quatro angulos formados por dois narghilés encruzados. Mobilia de peças de varios gostos e epocas. Uma mesu de jogo á E. e á D. outra, redonda, coberta de albuns e revistas.

SCENA PRIMEIRA

VALERIO E ADRIANA

(Valerio, sentado em uma cadeira de balanço ou poltrona, em chambre e de gorro, fuma o seu cachimbo, lendo o «New York Herald». Adriana arranja os ramalhetes nas jarras e vae de um objecto a outro, pondo um toque artistico em cada cousa. O gaz da sala está acceso e tambem uma lampada de lucivélo de rendas sobre a mesa redonda).

ADRIANA. — São quasi sete e meia, papae. Não te vaes vestir ?

VALERIO. — Já vou ; deixa-me acabar esta cachimbada e este artigo do *Herald* — tão enfumaçado como o cachimbo, por signal.

ADRIANA. — De que trata elle ?

VALERIO. — Da proxima eleição do presidente. E' uma analyse dos candidatos que

se apresentaram. Uma verdadeira autopsia. Um, não pôde ser presidente porque quebrou fraudulentamente uma vez...

ADRIANA, *rindo*. — E' que uma vez é pouco. Se tivesse quebrado duas, podia.

VALERIO. — Maliciosa! Não, senhora; lá os nossos amigos *yankées* em se tratando de eleger o seu presidente, são escrupulosos. Tambem é o unico assumpto por que se interessam e a que ligam real importancia. De um dos candidatos diz o articulista que não tem idoneidade moral para o cargo, por ter um filho natural. Acho de mais.

ADRIANA. — Eu não acho. Um homem nessas condições pôde ser honesto e bom, é verdade; mas já não tem a pureza de vida necessaria para tão elevado cargo. Reflecta que por causa d'esse homem ha um desgraçado no mundo que não pôde dizer quem é seu pae e que a essa pergunta tem de córar pensando em sua mãe. Demais, um homem publico não tem vida particular. Um máu chefe de familia não pôde dar um bom chefe de Estado. (*Vindo mostrar a Valerio uma rosa de um dos ramos*). Olha esta *marechal Niel*, papae. Que linda! E tu dizias que ella não pegava. Não entendes d'isto, é o que é. (*Beija o.*)

VALERIO. — Foram as tuas mãosinhas de fada que lhe deram vida, (*beija-as*) E quanto a não entender de rosas, protesto; pois não sou teu pae e não fui quem te educou?

ADRIANA. — Estás muito lyrico, hoje. Quem sabe se não estás apaixonado? Ah! é isso: estás apaixonado! (*Enlaçando-lhe a cabeça*). Olha que eu não quero madrasta feia, nem tola.

VALERIO — Estás brincando. Mas olha lá que não era nenhum impossivel e talvez não fosse nenhuma asneira! Ainda não estou assim tão velho, tão acabado, com os diabos! E depois, como ha de ser? Tu casas-te, e eu? Hei de ficar sósinho?

ADRIANA. — Que é lá isso? Has de morar comnosco, e da nossa casa só consentirei que saias...

VALERIO. — Para o cemiterio.

ADRIANA, *rindo*. — Não, para casar.

VALERIO. — Vão sendo horas de vestir-me. (*Levanta-se*). Sabes que é encantadora a paizagem que esboçaste hontem? Vi-a hoje no teu gabinete.

ADRIANA. — Gostaste? Está apenas manchada. O ponto é muito pittoresco. E' o mais lindo de Santa Thereza.

VALERIO. — Ainda hontem passei por lá. Por signal que havia uma leitôa com uns porquinhos... que tu naturalmente não pretendes pintar...

ADRIANA. — Porque não, se os vir? Animariam a paizagem...

SCENA II

VALERIO, ADRIANA e GUSTAVO

GUSTAVO. — Good night! *Faz uma cortezia solemnemente comica.*

VALERIO. — Olá! Pensei que hoje não virias mais. Agora é que sahiste da officina? (*Gustavo beija-lhe a mão e a face e beija as faces de Adriana*).

GUSTAVO.—Não, senhor. Depois que dei-xei a officina, ainda estive no meu quarto, a dar a ultima de mão ao meu invento. Sabem que descobri a cousa?! Fiz hoje uma experiencia á vista dos patrões, que ficaram maravilhados.

VALERIO.—Sim, ein? Vem cá, conta-nos isso. (*Chama-o para perto de si.*)

GUSTAVO, *muito dramatico*. A minha ma-china de brochar...—saiba-o, senhor meu pae, saiba-o, senhora minha irmã,—a minha ma-china de brochar... brochou! Aqui tem a pri-meira brochura, brochada na minha ma-china...

ADRIANA, *rindo...* de brochar!

GUSTAVO.—Justamente. *Apresenta a Va-lerio uma brochura, que tira do bolso.*

VALERIO, *examinando-a*.—Não está uma perfeição; mas para primeira experiencia é excellente. Mas tudo isto: a dobragem, a cosedura, o aparado das folhas, a compressão etc., tudo foi feito na tua machina?

GUSTAVO.—Tudo, sim senhor.

VALERIO.—Mas, rapaz, o que descobriste foi a riqueza, a fortuna! Vem dar-me um abraço, mariola! (*Gustavo atira-se-lhe aos bra-ços*). Ah! bem me dizia o coração que havia nesta cachola (*bate-lhe na cabeça*), alguma cousa melhor do que miolos de bacharel! E' inventor este fedelho! Descobrio uma machina aos 15 annos! Vaes encher de gloria o nome obscuro de teu pae, Gustavinho! (*Beija-o, commovido*). Um inventor, isto! (*Ergue-o ao ar nos braços*). *Adriana sorri, limpando as lagrimas.*

ADRIANA.—Vamos, papae, deixe-me abra-

çal-o tambem. Então eu não terei nada d'elle? (*Valerio depõe-o no chão*).

GUSTAVO.—Tens o meu coração e tam-bem a primeira brochura da minha machina. *Para Valerio*. Se papae consentir que eu t'a offereça.

VALERIO.—Como não? Nada mais justo. A educação que tens é quasi exclusivamente obra sua. (*Gustavo entrega-lhe o livro, depois de abraçal-a*). E que dizem os teus patrões a isso?

GUSTAVO.—Estão muito contentes! Prin-cipalmente mister James. Exclama a cada instante: «Very well!»! «All right!»! «Merveil-lous!»! E á noitinha, quando eu sahia, deu-me esta carta para Vmcê.

VALERIO.—Dá cá. *Recebe a carta, mas no momento de abril-a, Adriana apresenta-lhe o livro. Depõe a carta sobre a mesa e pega no livro, abre-o, examina-o.*

ADRIANA.—E' uma obra muito curiosa, veja.

VALERIO.—Oh! Oh! «A arte de ser feliz; —conselhos praticos por um desgraçado.»

GUSTAVO.—Foi o que me deram nas offi-nas da casa Laemmert para a primeira expe-riencia da minha machina.

VALERIO.—Tem cousas muito interes-santes. (*Lendo*). «A felicidade é uma ideia abstracta, e summamente relativa, mas, sobre-tudo, essencialmente subjectiva. Se fosse sus-ceptivel de definir-se podia sel-o d'este modo: a desgraça pelo avesso.» (*Fechando o livro e rindo*). Estes philosophos! O diabo que os entenda... (*Ouve se soar a campainha da es-cada*). Oh! com a breca! Ah! chegam as visi-

tas ! Corro a vestir-me... Recebe-as, Adriana. Deixa o livro sobre a mesa, ao lado da carta, e vae para dentro.

SCENA III

ADRIANA, GUSTAVO, ENGRACIA, ADELIA E BARROSO

ADRIANA.—Vae ver quem é, Gustavinho. (*Gustavo executa.*)

GUSTAVO, *para fora*.—Façam o favor de subir. (*A Adriana.*) E' a familia do Sr. Barroso. *Entram Engracia, Adelia e Barroso.*

ENGRACIA.—Ora seja Deus nesta casa.

BARROSO.—E o diabo na dos nossos inimigos ! *Trocas de cumprimentos.*

ADRIANA.—Porque não vieram mais cedo?

ENGRACIA.—Não foi possivel.

BARROSO.—Mesmo assim fomos os primeiros a chegar. (*A Gustavinho.*) Olá, Sr. industrial... em projecto, como vae isso ? (*Affaga o*) Diga-me cá, já descobriu o motu continuo ?

GUSTAVO.—Já, sim senhor. E' a sua lingua.

BARROSO, *rindo amarello*.—Tem graça ! (*Aparto*). Malcriado ! E' fresca a tal educação americana.

ADRIANA, *a Adelia, continuando uma conversa*.—Mas porque te entregas assim á tristeza ? Que ganhas em te amofinares ?

ADELIA.—Está por ventura em mim ? tenho culpa de amal-o ?

AADRIANO.—Tens ou não certeza de que és correspondida ? (*Adelia affirma com a cabeça*). Pois então põe o coração á larga. (*Com intenção.*) Olha, tenho um presentimento de que não has de esperar muito tempo.

ADELIA, *alegrando se*.—Sim ? Sabes alguma cousa ? Fala.

AADRIANO.—Breve o saberás. Talvez hoje mesmo.

BARROSO.—Mas onde se mettu esse meu Compadre ? (*Vae até á porta interior*) Ahí vem elle. E todo chibante !

SCENA IV

ADRIANA, ADELIA, ENGRACIA, GUSTAVO, BARROSO e VALÉRIO

VALERIO, *Traja smoking, com uma orchydea na lapella*.—Ora vivam os meus compadres ! (*Aperta-lhes as mãos.*) (*Para Adelia.*) E a minha linda afilhada como tem passado ? (*Adelia beija-lhe a mão, e elle beija-a na testa.*) (*Em voz baixa*). Desannuvie esses olhos feiticeiros. Creio ter uma boa noticia para lhe dar.

ADELIA, *idem, com aqodamento*.—Diga, padrinho, qual é ?

VALERIO.—Logo mais, logo mais...

BARROSO.—Então que é isso ? Temos segredinhos ? Não posso saber do que se trata ?

VALERIO.—Não, senhor ; são cá umas transacções de Bolsa. Tramamos uma opera-

çãosinha de arromba ! E que me diz você do calor ?

BARROSO, *enxugando a fronte*.— Não me fale nesse bicho ; está medonho ! A febre amarella já vae fazendo das suas !...

VALERIO. — Quer você saber de uma cousa ? A febre amarella é um mal, não ha duvida ; mas, enquanto a tivermos, não precisamos arruinar-nos em armamentos e fortificações...

BARROSO. — Como assim ?

VALERIO. — Muito simplesmente : porque, num caso de guerra estrangeira, ella mataria mais do que todas as fortalezas e couraçados ! Eu digo d'essa senhora o que de Deus dizia Voltaire : se não existisse seria preciso invental-a !

SCENA V

Os mesmos e os DRS. FORTUNATO
e EDUARDO

FORTUNATO, *entrando com Eduardo*. — Nós vamos entrando como por nossa casa.

VALERIO. — Pois está bem visto. Eu já estava receiando ficar sem parceiro para a manilha.

FORTUNATO. — Não vê ! Eu não falto ás suas quintas-feiras, nem á mão de Deus Padre ! (*Eduardo conversa baixo com Adelia. Esta faz um gesto de enfado e elle deixa-a para ir falar com Valerio. Os outros conversam como*

e com quem mais convier. Gustavo entretem-se junto á mesa, folheando illustrações.)

EDUARDO, *a Valerio em voz baixa*. — Então, meu caro Sr. Valerio, que noticias me dá do casamento de sua afilhada ?

VALERIO. — Essa é boa ! Pois é a mim que o pergunta, o Sr. que é o noivo ?

EDUARDO. — Está gracejando ! Refiro-me ao casamento d'ella mas... com o typographo.

VALERIO, *seccamente*. — Não sei, porque não sou propriamente o Correio dos Amantes ! (*Agastando-se*) Mas explique-me : porque é que se refere ao meu amigo Julio Santos com essa desdenhosa designação : o *typographo*.

EDUARDO, *com impertinencia*. — Não o é, porventura, o seu amigo ?

VALERIO. — Sim, senhor ; o meu amigo é typographo *por ventura* d'elle, e o senhor, por sua desventura, é um doutor... (*Aparte*). na asneira e na sciencia burro. (*Alto a Barroso e Fortunato*.) Vamos, então, a essa manilhota, não é assim ?

BARROSO. — De certo e já não é sem tempo. (*Valerio, Barroso e Fortunato sentam-se. Começam a jogar ; as senhoras conversam, sentadas, formando um grupo*).

EDUARDO, *a Gustavinho que percorre as illustrações*. — Então, Gustavinho, que tens feito de bom ?

GUSTAVO, *com alegria ingenua*. — Ah ! sabe, Dr. Eduardo ? Inventei uma machina.

EDUARDO. — Devéras ? Não pensei que ainda houvesse alguma por inventar. Ah !

se a tua fosse de copiar officios e redigir portarias.

GUSTAVO.—Ora, a minha é muito mais importante.

EDUARDO.—Devéras? Qual é então? E' uma machina para apanhar mosquitos? aparar callos? ou mastigar marmellada para os hospitaes?

GUSTAVO, *ficando serio*.—Upa! A minha é cousa muito superior.

EDUARDO.—Ah! Ah! Para que serve então a tua machina?

GUSTAVO.—Para dar espirito aos toleirões.

EDUARDO, *enfado*.—Atrevido! (*A Valerio*). Veja, Sr. Malta, veja o resultado da tal educação americana que o Sr. dá a seu filho...

VALERIO, *distrahido com o jogo*.—Que foi, doutor? Que aconteceu?

EDUARDO.—Seu filho faltou-me ao respeito.

VALERIO, *voltando-se com as cartas na mão*.—O Gustavinho faltou-lhe ao respeito? Mas de que modo?

EDUARDO.—Perguntando-lhe eu que especie de machina havia inventado, respondeu-me que era uma machina para dar espirito aos toleirões.

GUSTAVO, *entre indignado e choroso*.—E' verdade, papae. Mas o Dr. Eduardo tinha antes cagoado com ella, perguntando se era para apanhar mosquitos ou mastigar marmellada.

VALERIO.—Eu, na minha qualidade de pae de uma das partes e de amphytrião da outra

dou-me por suspeito para julgar a causa. (*Aos parceiros*) Trunfo é ouros, e eu sou mão.

FORTUNATO, *A Eduardo*.—Não te mettas com este pequeno: é muito atrevido.

GUSTAVO, *a Eduardo*.—Não tive intenção de offendel-o, doutor; (*rindo*). Um *shake-hands*! (*Estende-lhe a mão*). Bem sabe que sou seu amigo.

EDUARDO, *apertando-lhe a mão*.—Estás desculpado, (*Aparte*). Deu-me uma lição, este pirralho.

ADRIANA, *a Valerio*.—Papae, quando estes senhores quizerem tomar alguma cousa, podes trazel-os, que o *buffet* os espera.

ENGRACIA.—Pois, sim; não é tão cedo que elles largam as cartas.

VALERIO.—Que quer, minha comadre? Se o jogo não fosse vicio ninguem jogava.

ENGRACIA.—Mas eu o que não sei é que graça, que prazer encontram em passar horas e horas sentados a uma mesa, agarrados ás cartas.

VALERIO.—Cada sexo tem os seus vicios. O feio tem o fumo, o alcool, o jogo... e outros; mas o bello sexo tem a moda, a faceirice, a maledicencia, a curiosidade...

ADRIANA.—Peço perdão, papae: ha muitos homens que juntam aos vicios do seu sexo tambem os do nosso.

ENGRACIA, *a Fortunato, approximando-se d'elle*.—E' verdade, doutor Fortunato, como vae a sua doente, a baroneza de Itapéva?

FORTUNATO, *dando um pulo na cadeira*.—Oh! com a bréca! Não me esqueci hoje de visital-a? (*Erguendo-se*). Peço perdão: tenho

de retirar-me por algum tempo. (*vendo o relógio*). Tomarei um tilbury no largo do Machado. Eu volto já. (*a Eduardo*). Rapaz, toma o meu lugar. (*Eduardo executa*).

BARROSO, *rindo*.—Já me admirava vel-o tanto tempo assentado.

FORTUNATO.—O diabo que queira ser medico ! Eu já volto. (*Sae*).

ADRIANA, *a Engracia e Adelia*.—Venham tirar os seus chapéus e tomar um refresco. (*a Valerio*). Papae, acabe com essa jogatina, para fazermos um pouco de musica.

VALERIO.—E' só concluir esta partida, e já vamos.

ADRIANA.—Olhem, que se não vierem, morrerão á sêde, porque não lhes mandarei trazer nada. (*A's senhoras*). Vem, Adelia ; venha, D. Engracia. (*Saem Engracia, Adelia e Adriana. Gustavo acompanha-as.*)

SCENA VI

VALERIO, BARROSO, EDUARDO E ROBERTO

VALERIO, (*a Roberto*).—Então meu caro jornalista, que novidades ha ?

ROBERTO.—Ora, meu caro Sr. Valerio Malta, pedir novidades a um jornalista é o mesmo que exigir virtudes a um padre, agua aos reservatorios e espetos de ferro a um ferreiro. A imprensa não foi creada para divulgar noticias, mas para abafal-as... fingindo dal-as.

VALERIO, *jogando sempre*.—Ahi está o Sr. começando já a emittir paradoxos.

ROBERTO.—Paradoxos?! Não sei o que seja. Não ha paradoxos ; porque não ha mentira que não contenha uma particula da verdade, porque tudo é possivel no mundo, porque o que se chama paradoxo não é mais que a verdade virada do avesso, porque...

VALERIO, *rindo*.—Está o Sr. emittindo justamente, o mais formidavel dos seus paradoxos (*aos parceiros*.) Prompto, levantemos a banca. Eu hoje estava com a macaca. (*Erguem-se. Valerio recolhe as cartas e fixas etc.* E agora, vamos refrigerar-nos. Tenho lá dentro um barril de *chopps de Pilsen*, que é uma delicia. Cambrinus não bebe melhor cerveja no Paraiso. (*a Eduardo, Barroso e Roberto*). Façam o favor de entrar. (*Fal-os passar na frente*). Eu já os acompanho. (*Elles sahem pela porta interior. (A' parte.)* Paulo não deve tardar a chegar com o Julio. Ouço bater. Devem ser elles. (*Corre á porta da rua.*)

SCENA VII

VALERIO, PAULO E JULIO

VALERIO.—Subam; não está ninguem na sala. (*Apparece Paulo e pouco depois Julio*). Eu estava impatientissimo.

PAULO.—Custou-me a trazer o homem, apezar das suas formaes promessas. (*Apparece Julio, correctamente vestido. Valerio aperta-lhe a mão*).

VALERIO.—Como está, meu caro amigo ?

JULIO.—Muito inquieto e apprehensivo. (*Sorrindo*). Mas confio na sua habilidade.

VALERIO.— Póde confiar. Olhe, recolha-se ao meu gabinete de trabalho. Entreter-se-á folheando collecções de revistas e albums de photographias. No momento opportuno chamo-o ei. Venha. (*Leva-o até á porta do gabinete, voltando sem demora. Paulo passeia, abandonando-se com um pequeno leque, durante essa curta ausencia, Valerio voltando*) Prompto. Vou recomendar a Adriana que entretenha toda a gente no salão da musica, enquanto eu conferenciar com o Barroso, a quem vou buscar.

PAULO.— Perfeitamente. Vá. (*Sae Valerio, porta do interior*). Vae decidir-se hoje a sorte de Julio e a minha. Confio inteiramente no criterio e na intelligencia d'este homem. Ha de arranjar tudo pelo melhor. (*Vendo um retrato de Adriana num passepartout sobre a mesa*). O retrato d'ella! Como é formosa, e que ar nobre, honesto e intelligente! Será minha, na verdade? Terei a ventura de unir o seu destino ao meu? de ser seu companheiro por toda a vida? De certo morrerei de alegria! (*Ouve-se dentro o piano*). Começou o concerto. E' ella quem toca. Ainda hoje não pude vel-a. Como me tarda o momento de embevecer-me no seu sorriso, no seu olhar, na sua voz! (*Sae, depois que Barroso e Valerio entram*).

SCENA VIII

PAULO, VALERIO E BARROSO

VALERIO, *entrando com Barroso*. — Sim, meu caro compadre, é ainda a respeito do

casamento da minha afilhada com o Sr. Julio Santos que desejo entretel-o.

BARROSO.— Mas a minha ultima palavra está dita.

VALERIO.— Não está tal, perdôe-me. Sua ultima palavra foi um talvez. Perguntando-lhe eu se você consinteria no casamento, caso o Julio obtivesse uma posição no commercio ou na industria, abandonando o componidor, você respondeu que talvez consentisse. Ora, é chegado o momento de discutir esse talvez e transformar-o em um certamente: é só trocar um adverbio por outro.

BARROSO.— Compadre, peço-lhe o favor de não insistir neste assumpto. Minha resolução está tomada. Sei que o Dr. Eduardo pretende pedir a mão de Adelia; se esta o repellir, partiremos para a Europa.

VALERIO.— Incomprehensivel cegueira! Entre o Julio Santos e o Eduardo Guedes preferir este!

BARROSO.— Certamente. Aquelle é um compositor de jornaes, filho de um ferreiro e de uma lavadeira, e este um moço instruido, formado em Medicina, e filho de um medico illustre. A cegueira é sua.

VALERIO.— Não ha duvida, um é typographo, o outro é medico; mas o typographo é intelligente, trabalhador, honesto, util e digno. E o medico não entende patavina de Medicina. Formou-se á força de empenhos; é incapaz de tratar de um gato endefluxado; não tem intelligencia nem illustração, nem nada por que se recomende... E' um ridiculo amanuense de secretaria. E você prefere para

companheiro e protector de sua filha, justamente o medico! Oh! é demais!

BARROSO. — Mas não vê que elle, com o seu pergaminho e as relações do pae e as minhas, pôde fazer carreira na politica? Ser deputado, senador, ministro?

VALERIO. — Lá isso pode. Tem todos os requisitos para triumphar: se é quasi imbecil!... Mas esta discussão adianta pouco. Resumamos os debates: sua filha com quem quer casar? Com o Julio ou com o Eduardo?

BARROSO. — Com o Julio.

VALERIO. — Mas você oppõe se?

BARROSO. — Opponho-me.

VALERIO. — Porque? Vá: exponha-me clara e precisamente as razões.

BARROSO. — Ora, já lh'as disse.

VALERIO. — Diga a principal, a decisiva.

BARROSO, *impaciente*. — Homem, você está começando a atacar-me os nervos. A principal é que não me agrada; é que não me serve! Irra!...

VALERIO, *muito calmo*. — Mas isso nada importa. Quem tem de casar com elle não é você, é sua filha; e ella gosta d'elle e não quer casar com outro. Pode você negar que o Julio seja um moço digno de estima e respeito?

BARROSO, *de máo humor*. — Eu não nego nada.

VALERIO. — Nesse caso...

BARROSO. — Mas não tem vintem. E' um verdadeiro pinga miserias.

VALERIO. — Ora está você muito enganado, seu compadre! O sr. Julio Santos faz parte de uma empreza com o capital de 200 contos, como socio solidario e gerente.

BARROSO, *incredulo*. — O que? O compadre está brincando.

VALERIO. — Brinco ás vezes, mas não minto nunca!

BARROSO. — Isso é, então, verdade?

VALERIO. — Tão verdade como estarmos aqui conversando. E agora, qual é a sua ultima palavra?

BARROSO. — E' que peço ainda uma hora para reflectir.

VALERIO. — Concedido. Reflecta mais uma hora, seu turrão. Mas, antes d'isso, permita que o cumprimente uma pessoa que muito o estima e considera.

BARROSO. — Pois não. (*A' parte*). Quem poderá ser? (*Valerio vae á porta do gabinete, chama Julio Santos e tral-o para junto do Barroso, que está á bocca da scena, com a frente para o publico*).

JULIO, *a Barroso*. — Sr. Commendador.

BARROSO, *voltando-se sorprendido*. — Ah! O Sr. Julio Santos!?

VALERIO, *á parte*. — Arrumou-lhe com o Commendador! Começou muito bem. Mas vou deixal-os sósinhos. Elles lá que se arranjem. (*Sae*).

SCENA IX

JULIO SANTOS e BARROSO

BARROSO, *estendendo-lhe a mão, seccamente*. — Boa noite, Sr. Santos, (*á parte*). Vae pedir-me a mão da menina; mas eu nego-lh'a.

JULIO, *á parte*. — Não sei o que lhe hei de dizer. (*Silencio penoso*).

BARROSO, *á parte*.—Parece estar engasgado... (*Mirando-o de esguelha*). Mas não é mal apessoado, e veste bem...

JULIO, *muito tímido*.—Tem feito muito calor, não acha ?

BARROSO.—Muito. Sobre tudo á noite. (*A parte*). Ora esta ! Em vez de falar-me da menina, fala-me do calor ! (*Alto*). Não esperava encontral-o nesta reunião.

JULIO.—Tambem eu não contava aqui vir. Mas o Sr. Valerio exigio...

BARROSO.—E porque motivo não queria vir ?

JULIO, *com acanhamento*.—Porque... saic pouco, não frequento a sociedade ; receio parecer importuno. E, depois...

BARROSO.—E depois... Conclúa.

JULIO, *com esforço*.—Eu receiava encontrar aqui o Sr. commendador e sua familia...

BARROSO, *á parte*.—Esta agora ! Será elle tolo ? (*Alto*.) Mas, porque?... Gosta assim tão pouco de nós ?

JULIO.—Ao contrario ; mas... sei que o Sr. commendador não sympathisa commigo.

BARROSO.—Não é verdade. Quem tal lhe disse enganou-o. Olhe, eu sou um homem franco e leal ; dir-lhe-ei toda a verdade. Sei que o Sr. pretende pedir a mão de minha filha...

JULIO, *vivamente*.—V.S. engana-se, Nunca tive tal pretensão.

BARROSO, *á parte*.—Inda mais esta ! O rapaz tem falta de mobilia no sotão ! (*Alto*.) Pelo menos foi o que me constou... Mas, em summa, se não pretendia pedil-a em casamento, gostava d'ella...?

JULIO, *com calor*.—Oh ! isso, sim ! Ama-a, amo-a com o maior devotamento, com o mais profundo respeito.

BARROSO, *á parte*.—E' sincero. Agora sou eu que começo a engasgar-me. Disfaremos. (*Tosse para disfarçar, etc. Alto*.) Pois, sim, gosta d'ella, e, portanto, deseja desposal-a ; é claro. Percebi-o e,—comquanto tenha, a respeito da sua moralidade, as melhores informações—declarei-me contrario a esse casamento, por não ter o senhor uma posição social, por exercer uma profissão demasiado...

JULIO, *tristemente*.—Demasiado humilde, bem sei. E por sabel-o é que não pedi, nem pedirei D. Adelia em casamento.

BARROSO, *á parte*.—Bonito ! Eu é que tenho de offerecer-lh'a ! (*Alto*) Mas... pelo que estou informado, as suas condições mudaram ; já não é typographo.

JULIO.—Engana-se, Sr. Commendador : ainda o sou. Se não sei fazer outra cousa...!

BARROSO, *á parte*.—Não ha que ver, está doido ! Ou, se não é elle, é o Valerio... Um dos dois está pedindo duchas na nuca !... (*Alto*) : Pois o senhor não faz parte a uma empresa nova, fundada com o capital de 200 contos de réis ?

JULIO, *ar de surpresa*.—Eu ? !... Não, senhor ! Foi engano de quem o informou... (*Com um sorriso*). Duzentos contos ! Se eu nem creio que exista semelhante quantia !...

BARROSO, *á parte*.—Estou pateta ! Mas não importa, o rapaz vae-me agradando. Fez bem o compadre em tel-o feito vir,

SCENA X

BARROSO, JULIO, VALERIO, PAULO, EDUARDO
e ROBERTO.

VALERIO, *entrando com elles.*—Eu adoro a musica classica, mas por pequenas doses.

PAULO.—E' como eu. Não posso mesmo comprehender como os wagnerianos supportam, em Beyruth, toda a letralogia durante varias noites consecutivas. E, no entanto, admiro Wagner ; embora o não comprehenda completamente, por falta de preparo.

VALERIO.—Fumemos ; queiram servir-se de charutos ou cigarros.

ROBERTO, *que tem estado a examinar os cachimbos postos na parede.*—Diga-me, Sr. Valerio, que quer dizer aquella collecção de cachimbos ?

VALERIO, *rindo.*—Quer dizer isso mesmo...

ROBERTO.—Não percebo.

VALERIO.—Quer dizer que é uma collecção de cachimbos.

ROBERTO.—Isso sabia eu.

VALERIO.—Foi gracejo. Compreendo o seu pensamento. Quer saber qual a significação, o valor d'estes instrumentos fumatorios : —é uma collecção historica. Todos esses cachimbos—ou pertenceram a homens celebres, ou tem esculpidas cabeças de homens celebres. Olhe, aquelle, acolá, de longo tubo—pertenceu a Bismark. Aquelle outro, curto, de forno redondo—foi de Garibaldi. Este narghilé—pertenceu a Abdul Hamid ..

ROBERTO.—Mas é uma collecção preciosissima !

VALERIO.—Sim : representa algumas centenas de libras esterlinas ! Olhe : está vendo, acolá, aquelle cachimbo mutilado, negro, quasi sem boquilha, de grande pipo ? Pertenceu ao carrasco Simão. Era nelle que o facinoria fumava, na Conciergerie, quando fazia guarda ao Delphim... E foi cuspinhando, com elle nos dentes, que insultou Luiz XVI !

ROBERTO.—E' uma verdadeira reliquia historica !... *Tirando do bolso um caderno e um lapis.* Vou fazer d'esta collecção uma noticia de arromba para a *Atalaia* !

VALERIO.—Por aquelle fragmento de cachimbo, de cuja authenticidade tenho documentos, regeitei, em Londres, 300 libras esterlinas a um inglez, que tinha a mesma mania que eu, e tem atravessado o mundo inteiro atraz de cachimbos celebres !... Por signal, que o inglez, desesperado com a minha recusa, tentou roubar-m'o. Sorprehendido por mim, comprou o meu silencio por um cachimbo que pertencera a Alphonse Karr, aquelle, alli, á direita, de boquilha de ambar. (*Roberto toma notas. A Barroso*). Então ? Que impressão lhe deixou o homem ?

BARROSO.—De que é maluco !

VALERIO.—Maluco ? !...

BARROSO.—De certo. Pois se elle me declarou que não pedia nem pediria a mão de Linóca ! Ah ! é verdade : negou tambem a tal historia da empreza de 200 contos.

VALERIO.—Naturalmente... Pois se elle ainda ignora isso !

BARROSO. — Não pesco patavina ! Acho que todos estão doidos !

VALERIO, *rindo*. — Dentro de um quarto de hora terá a explicação de tudo. (*A Paulo*) Oh ! Paulo, porque não veio hoje seu irmão ?

PAULO. — Não sei. Talvez venha ainda.

EDUARDO, *a Valerio*. — Anda entretido lá para os lados do Cosme Velho, na caça de um bello dote.

VALERIO. — Ah ! não sabia. (*A parte*) Faz elle muito bem. Casar rico é a sua unica vocação !

FORTUNATO, *entrando*. — Cá estou de volta. Lá deixei a Baroneza adormecida com uma injeção de morphina. (*Comprimenta a uns e a outros e conversa*).

SCENA XI

Os mesmos, FORTUNATO e, pouco depois,
as SENHORAS

FORTUNATO, *a Valerio e Barroso*. — Mas como é isso ? Já levantaram a banca ?

BARROSO. — Que remedio ! A Adrianinha nos collocou entre as pontas d'este dilemma : —ou terminar o jogo e ceiar, ou continuar o jogo e morrer á sede e á fome. Escolhemos, naturalmente, a primeira.

FORTUNATO. — Fizeram muito bem. Mas qual foi o resultado ? Ganhei ? Perdi ?

VALERIO. — Ganhou 7\$800 réis.

FORTUNATO. — Bem bom, bem bom ! Mas venham de lá, que dividas de jogo pagam-se logo.

VALERIO. — Seu filho já recebeu o dinheiro.

FORTUNATO. — Bonito ! Isso é alma que cahio no Inferno ! Vou rezar por ella. (*Entram Adriana, Engracia e Adelia*).

ADRIANA. — Ah ! senhores fujões ! Abandonarem o templo da musica, as divinas harmonias de Beethoven, Schuber, Wagner, para virem fumar ! Oh ! sacrilegio !... Mas já devem ter satisfeito o seu vicio, e portanto, façam o favor de regressar ao salão para terminarmos o programma.

EDUARDO, *a Adelia*. — Não desanimo, minha senhora. Conto com a collaboração do tempo... Elle ha de provar-lhe a sinceridade do meu affecto. Adiarei, portanto, por mais alguns mezes, o pedido official de sua mão.

ADELIA. — E' preferivel que o faça immediatamente, para desilludir se de uma vez.

VALERIO, *Indo á porta interior*. — Gustavinho ! Gustavinho !

GUSTAVO, *dentro*. — Senhor !

VALERIO. — Traze-me aquelle masso de impressos que está sobre a minha secretaria. *Aos circumstantes*. Antes de recommear o concerto, peço licença para lhes transmittir uma grande noticia. *Gustavinho entra com o masso de impressos*.

SCENA ULTIMA

Os mesmos, GUSTAVINHO e, depois, um
criado

VALERIO. — Annuncio-lhes o proximo apparecimento da *Democracia*, nova folha diaria, cujos prospectos tenho o prazer de distri-

buir. (*Distribue os impressos pelas pessoas presentes.*) Capital—200 contos, subscripto por quinhões. Firma social—Julio Santos & C; redactor—chefe, Dr. Paulo Barroso; gerente, Julio Santos; chefe da contabilidade, Valerio Malta, vosso humilde servo. O capital está depositado. A escriptura de arrendamento do prédio,—na rua do Ouvidor,—foi assignada esta manhã. Já estão garantidas 6.000 assignaturas e 60 contos de annuncios mensaes!

FORTUNATO.—Caspitê! Isto é que é uma noticia de arromba!

ROBERTO.—Homem essa! Declaro-me estupefacto!... Como diabo é que apparece um jornal d'essa importancia, de repente! como um cogumello, da noite para o dia, sem que a reportagem soubesse de nada?!..!

VALERIO.—E' porque o negocio foi preparado á americana...

ROBERTO, *a Paulo*. Offereço os meus serviços ao director da *Democracia*.

PAULO.—E eu os aceito. Está nomeado chefe do corpo de reporters.

ROBERTO.—Obrigado. Vou, num pulo, levar á Imprensa esta grande noticia!..

VALERIO.—Espere lá:—vou lhe dar mais duas.

ROBERTO, *tomando notas na carteira*.—Venham de lá; estou de sorte! Quantos furos vou dar nos collegas!..

VALERIO.—Contractaram casamento o Sr. Dr. Paulo Barroso com a Exm. Sr. D. Adriana Malta; e... o Sr. Julio Santos... com a Exm. Sr. D... Adelia Barroso!..

BARROSO e ENGRACIA.—Hein?!..

ADELIA.—Ah!..

VALERIO.—Enfeitelá as noticias como quizer...

ROBERTO.—Isso fica por minha conta! (*Aparte.*) Que bomba para o Dr. Eduardo! (*Alto*) Mil parabens aos noivos e a seus illustres paes! Corro aos jornaes!... Bôa noite. (*Sae apressado*).

BARROSO, *a Valerio*.—Mas, compadre, que é que fez?!... Mandou a noticia dos casamentos, quando nem siquer as noivas foram pedidas?!..

VALERIO.—Ah! meu amigo, eu sou yankee! não perco tempo!... Primeiro vão as noticias para os jornaes, para aproveitar o portador; depois se fará o resto: os noivospedirão as mãos das noivas, os paes darão o consentimento; haverá os abraços, o choro, a commoção, os parabens... etc. Eu, porém, dispenso a parte que me toca nesse cerimonial. Vou logo ao fim. *Pegando na mão de Adriana*. Minha filha, dou-te em casamento ao Dr. Paulo Barroso. *A Paulo*. Faça-a feliz, meu amigo. E' digna de o ser.

BARROSO, *á parte*. Que dizia eu, ha pouco? Tenho de offerecer Adelia ao typographo! *Alto*. Sr. Julio Santos, concedo-lhe a mão de minha filha.

ENGRACIA.—*Aparte*. Ora esta! Este Barroso é um banana! Mas o remedio agora é adherir. (*A Julio indo a elle* :) Faça-a feliz, sim? que eu prometto ser a perola das sogras. *Paulo acerca-se de Adriana, cuja mão beija; Julio faz o mesmo com Adelia. Conversação animada, em grupos. Risos, etc.*

GUSTAVO, *junto da mesa, pegando na carta que trouxera no começo deste acto e que Valerio*

esquecera sobre a mesa. Como é isto? Papae não abriu ainda a carta dos meus patrões?

VALERIO.—Homem, é verdade! Esqueci—a completamente! Vou lê-la. *Lê a rapidamente.* Bravo! Muito bem!

GUSTAVO.—Que é, papae?

VALERIO.—Communicam-me os patrões do Gustavinho, por esta carta, que, entusiasmados com a sua grande vocação para a mechanica, se incumbem, inteiramente, da sua educação technica na Inglaterra, ou nos Estados Unidos, na certeza de prestarem, por esta fórma, um grande serviço á Industria Nacional!

FORTUNATO, BARROSO e EDUARDO.—Bravo! Bravo! (*Todos batem palmas e abraçam Gustavinho.*)

VALERIO.—Sim, senhores; foi um dia cheio! (*A Gustavo*) Vem cá, rapaz, dá-me um grande abraço, Edison de um metro de altura!

GUSTAVO.—Como estou contente! (*Abraçando o pae*) Mas hei de separar-me, então, de minha irmã e de papae, viver sósinho, tão longe?!

VALERIO.—Uma idéa! Depois do casamento de tua irmã, irei levar-te a New-York...

ADRIANA.—Porém voltará...

VALERIO. Sim; depois de installar o pequeno convenientemente, voltarei.

PAULO. E a *Democracia*? Quem ha de substituil-o?

VALRIO. Não será difficil. Deixarei todos os serviços organizados... Tanto mais que a minha viagem á Norte-America ha de ser proveitosa ao jornal. (*Tomando o braço de*

Barroso.) Eutão, compadre, que lhe dizia eu?

BARROSO, *admirado.* — Que me dizia?! Quando?!

VALERIO. — Pois já se não lembra? Tem fraca memoria! Nunca digas: «D'esta agua não beberei!»

BARROSO.— Ah! sim! O typographo... Mas o compadre está enganado. Minha filha não casou com um typographo.

VALERIO. — Essa agora!

BARROSO.— Casou com o gerente e proprietario de um jornal!

VALERIO. — Sim; mas o compadre só queria dar sua filha a um doutor.

BARROSO, *em tom confidencial.* — Homem! aqui muito em reserva: para doutores bastam meus filhos.

ENGRACIA.— Não apoiado; ainda havemos de ter uma doutora!

CAE O PANNO

FIM

São reservados todos os direitos na forma da lei

